

LITORAL

LITORAL

Redatores Especiais:

OSCAR DECA, RENATO BARBOSA, MANOELITO DE LINS

NEREU CORREA

Editores Literários:

FRANÇO POFFMIDT, TALIANI

BRANDÃO e NAURA

Colaboradores:

ALDO DE AQUINO, MARCELLO

ALDO, WALTER e YAZZA

FRYETA ROBERTO U. ULISSA

ANTONIO CARNEIRO, EURIALDO

CARLOS DEMOND DE ANDRADE

MARIA CARPZACK, FLAVIO JOSE

WELLY KUNZLICK, WALDIR MIRA DA SILVEIRA

RENATO DOMINGOS FOSGARI, YVES JEAN

FRANCO ASCENDINO LEITE e outros



L I T O R A L

Nº III

FLORIANÓPOLIS (SANTA CATARINA)

Ano I

Direção:

PASCHOAL APÓSTOLO e NICOLAU APÓSTOLO

Redatores Especiais:

OTHON D'EÇA, RENATO BARBOSA, MANOELITO DE ORNELLAS e
NERÉU CORRÊA

Redatores Literários:

C. RONALD SCHMIDT, TALIBAS S. M. COSTA, ARNALDO
BRANDÃO e MAURA DE SENNA PEREIRA

Colaboram neste número:

FLÁVIO DE AQUINO, MARCÍLIO MEDEIROS, RUBENS DE ARRUDA
RAMOS, WALTER F. PIAZZA, D. JOAQUIM DOMINGUES DE
OLIVEIRA, NORBERTO U. ULISSÉA, ADÃO MIRANDA, MÚCIO LEAO,
MILTON CARNEIRO, EURYALO CANNABRAVA, MANUEL BANDEIRA,
CARLOS DRUMOND DE ANDRADE, E. G. C., SALIM MIGUEL, OTTO
MARIA CARPEAUX, FLÁVIO JOSÉ CARDOSO, FONTOURA REY,
WILLY ZUMBLICK, WALDIR MIRA DA SILVEIRA, JERÔNIMO RI-
BEIRO, DOMINGOS FOSSARI, YVONNE JEAN, ASSIS CHATEAU-
BRIAND, ASCENDINO LEITE e CESAR SEARA.

Edições
trimestrais

capa:
desenho de
FONTOURA REY

LITORAL
revista
literária
e
artística
dos
novos
de
SANTA
CATARINA

RUA
PADRE
ROMA
48
FLORIANÓPOLIS
S. CATARINA

Número

III

junho

revista

LITORAL.

Número

ESPECIAL

dedicado a

JORGE LACERDA



A O L E I T O R

Com o desaparecimento de SUL, criou-se, em Florianópolis, um movimento, acusando como responsável o Governador, que então assumira o poder.

Culto, dono de um espírito arguto, jornalista de tarimba, Jorge Lacerda protestou. Não seria, em seu govêrno, que letras e artes ficariam desprestigiadas pelo Estado.

— x —

O grupo de jovens constituído por Paschoal Apóstolo, Nicolau Apóstolo, Carlos Ronald Schmidt, Di Soares, Pedro de Garcia, Rodrigo de Haro e Taliarbas S. Martins Costa, frequentadores assíduos da biblioteca do escritor gaúcho Manoelito de Ornellas, lança a 1º de setembro de 1957, sob o nome de TURMA DO LITORAL, o seguinte manifesto:

Tôdas as gerações, em todos os tempos, tiveram como símbolo de sua passagem no mundo, e lema dos seus ideais na vida, uma legenda, sôbre a qual se agrupam para a defesa de suas aspirações e a propagação de seus sonhos.

Em Portugal ou no Brasil, no Uruguai ou na Argentina, o fenômeno sucedeu sempre como decorrência natural dos tempos.

Foi assim que em Santa Catarina surgiu a geração do "Sul", que tanto renome trouxe às novas letras patricias. Foi assim que no Rio Grande do Sul apareceu a geração do "Quixote", com o lema revolucionário do "Vamos fazer uma barbaridade". Foi assim que no Uruguai apareceu há pouco a geração "Meridiana", como antes existiu a do "Ateneu" e na Argentina celebrou-se na história a da "Sociedade de Maio".

Não vamos "cometer uma barbaridade" mas queremos plantar no chão fecundo da nossa Ilha um pendão que diga da nossa existência literária, como "gente nova".

Não vamos destruir. Vamos congregiar. Não vamos estabelecer fronteiras para a guerra, mas determinar caminhos para a paz, que constrói e edifica.

Tomamos uma posição. A posição que nos cabe por direito.

Nosso "boletim" será nosso arauto. Da margem do Atlântico, contemplaremos a extensão do mundo. Mas teremos os pés fincados na terra-firme, porque a terra é nossa e queremos defendê-la e engrandecê-la.

É assim que esperamos ser compreendidos e esperamos que nos acolham, ante aquêles que vêm de um passado mais longo, no tempo; como aquêles que, pelo registro civil de nascimento, estão mais próximos de nós.

Nosso lema há de ser o de marcharmos juntos pelos caminhos do tempo, de mãos dadas e solidárias até que às nossas fileiras também nos venham suceder, no futuro, os mais jovens que nós.

— x —

Nosso BOLETIM, "nada representava (1) aos poderes públicos, a ponto mesmo de iniciarmos a revista particularmente, cobrindo as despesas mediante publicidade, na revista. Numa tipografia catarinense, já tínhamos entrado em contacto para a impressão de LITORAL. O orçamento ainda estava em estudos, quando fui obrigado a ausentar-

(1) — DIARIO CARIOCA — Rio de Janeiro —
"Crônica Literária" de Saldanha Coelho,
transcrevendo artigo de Paschoal Apóstolo
em 4-5-58.

me da Capital catarinense, indo ao Rio de Janeiro" pleitear auxílio para êste lançamento.

Entretanto tudo para LITORAL mudou; o governador Jorge Lacerda interessava-se pelo Grupo.

"Numa reunião (2) no Palácio Residencial da Agrônômica, o ilustre Governador do Estado Dr. Jorge Lacerda, que soube compreender o nosso movimento, garantiu-nos a edição trimestral de LITORAL, pela Imprensa Oficial do Estado.

Simples, solícito e possuído da mais entusiástica boa vontade, encontramos em S. Excia., um amigo, um companheiro experiente, um veterano na literatura, que não vacilou em aquiescer a nossa solicitação".

"Estamos (3) satisfeitos, porque, enfim, o grupo de jovens catarinenses conseguiu brilhar. O amparo governamental foi dado. Será uma revista de cultura para exaltar Santa Catarina, nela figurando altos expoentes das nossas letras".

Conseguiu, pois, Jorge Lacerda, fazer com que continuasse a sair, pela Imprensa Oficial do Estado, uma revista que fôsse o arauto das letras catarinenses, sob nossa orientação.

Ao prepararmos êste terceiro número, dedicado a Jorge Lacerda, reverenciamos sua memória, na passagem do primeiro ano de seu falecimento — 16 de junho de 1958.

A revista LITORAL cresceu e procurou difundir os trabalhos e as artes barrigas-verdes, firmando-se nos meios literários como uma das poucas revistas especializadas no gênero.

A partir do próximo número, LITORAL não contará mais com o apôio oficial do Govêrno, nem mais será editada pela Imprensa Oficial do Estado.

Enquanto pudermos superar os obstáculos que se apresentam, continuaremos a luta.

Cada número de LITORAL é, para nós, uma vitória.

A DIREÇÃO

(2) — Editorial do primeiro número da Revista LITORAL.

(3) — DIÁRIO CARIOCA — R. J. — "Crônica Literária" — 4-5-58.

Evocação do Amigo Morto



ASCENDINO LEITE

O primeiro aniversário da morte de Jorge Lacerda nos encontra a todos, os que foram seus amigos, os que ainda o são, no culto devido às suas excepcionais qualidades humanas, perturbados e confusos diante do grande mistério em que se dissolveu a sua vida. É espantoso, por certo, — e é isto que nos impressiona e nos traz atordoados — que um espírito tão fino, tão harmonioso, como o dêle, se haja despiendido num

forte troar de ferros, no rumor de uma tragédia inesperada, súbita, terrível, que, não obstante a repetição, nos arrancou da indiferença como se fôsse um mundo monstruoso que tivesse desabado sôbre uma construção maravilhosa.

XXX

Não nos é possível pegar o fio dessa enorme contradição. Ela parece confundir-se com essa misteriosa linha de sacrilégios, essa agonia entre contrastes, que está continuamente a desafiar tôda a nossa capacidade de sentir e perceber a transição dos espíritos, quando o efêmero impõe a sua lei e a mão de Deus retoca ou fulmina a sua obra.

Da ausência de Jorge Lacerda, assim tão súbitamente determinada, teremos que recolher sempre alguma mensagem, a nos seguir neste mundo, cada vez mais desfalcado de harmonia e perfeição. É significativo, é extraordinário mesmo, que essa sugestão deflúa, não mais da fôrça que nele a vida imprimira, através de ressonâncias extremamente sensíveis, que lhe plasmaram o caráter e lhe recortaram o perfil — o melhor entre os melhores, o amigo, o companheiro, o homem cheio de compreensão e lucidez na sua maneira de viver e conviver. É extraordinário, precisamente, que ela decorra da luminosa irradiação de seu espírito, agora estendido sôbre a lembrança dos que ficaram, para compreendê-lo ainda mais, na sua moldura exata.

XXX

Da ausência de Jorge Lacerda o que retenho agora está numa orla fluídica. É que o processo evocativo, nascido do puro movimento da memória, nunca se prendeu aos gestos particulares, pessoais, do indivíduo considerado em sua estrutura biológica ou no seu comportamento em sociedade, mas no que houve de verdadeiro nele, na sua essência íntima. O sinal mais tocante da morte será exatamente essa redenção do mundo moral, da efigie tecida por elementos espirituais, que ela exalta de uma forma incontroversa: o que de mais puro, de mais legítimo condicionou o destino do homem no meio dos seus semelhantes.

De uma certa maneira, a vida de Jorge Lacerda nos é devolvida em tôda a sua riqueza imaterial e não obstante verdadeira. Ele está presente no centro de nossos pensamentos pela sinceridade das idéias, pela fulgurante soma de virtudes que êle próprio não via, não sabia que possuía, porque a ninguém é dado ver-se a si mesmo, sem perigo de equívocos contra a humildade e o orgulho. Destas coisas êle parecia despojado e talvez nunca tivesse feito fé nelas, nem na razão direta da observação e da experiência a que a inteligência nos leva freqüentemente, por vêzes à nossa revelia.

Seu amigo e companheiro quase de todos os dias, nas mais diversas circunstâncias de sua vida, nunca lhe recolhi uma confissão que lhe traisse o sentimento ambicioso de liderança ou de comando sôbre as coisas do mundo, que não fôsem aquelas intimamente adequadas à expressão das suas qualidades. Assim, ousou pensar que o seu êxito na política servido de virtudes para ser, antes de tudo, um poeta, um artista, um intelectual, em seu mais amplo sentido de universalidade.

xxx

Que delicada coerência encontro agora, à medida que redijo estas linhas de evocação do amigo morto, entre o que nele se movia aos olhos de todos e a sedutora harmonia do seu mundo íntimo, voltado para as construções do espírito.

Quando as decepções o atingiam, êle encontrava refúgio nessa armadura ideal, tecida de deslumbramento, porém ao mesmo tempo contida por um perfeito domínio do julgamento crítico, que o fazia ver claro e logo perceber a diferença entre o falso e o verdadeiro. Não foi por outro motivo que a sua passagem pelo jornalismo literário se transformou num marco por assim dizer luminoso, de uma inteligência exemplarmente aplicada à realização da obra de arte.

Foi êste o Jorge Lacerda que eu conheci e admirei como expressão de uma natureza rara, num mundo em que o sentimento da beleza se extingue com a mesma rapidez com que evolui o seu destino trágico. Um mundo de que o espírito de Ariel parece ter desertado para sempre, porque o que nele se descobre já não serve de sustentáculo às concepções do idealismo e do entendimento.

Primeiro Discurso de Jorge Lacerda



Discurso proferido pelo então acadêmico Jorge Lacerda, com 20 anos de idade, no túmulo de José Boiteux em 28 de janeiro de 1938

Em nome dos acadêmicos que cursaram os bancos das Academias de outros Estados, trago também as nossas homenagens à memória do grande catarinense José A. Boiteux que tanto trabalhou por Santa Catarina, para a qual viveu lutando e muitas vezes lutou sofrendo...

São homenagens à memória de quem sempre teve o espírito vibrante da mocidade, dessa mocidade que não tem desilusão, porque a desilusão é o cemitério das almas. Dessa mocidade que é a primavera do espírito assim como a primavera é a mocidade do tempo.

É a gente moça de Santa Catarina que traz também a sua homenagem a este insigne barriga-verde que glorificou nomes catarinenses plantando estátuas, plantando, sim, porque a estátua é a semente da imortalidade.

Catarinenses!

No momento consternado desta hora parece que vejo, saindo das catacumbas empoeiradas da história de Santa Catarina, todos os grandes vultos que sempre foram glorificados por José Boiteux, e virem aqui

na tristeza dêste cemitério, que é um Templo de Saudade, trazer suas homenagens.

Eu vejo saltar da sela de um corcel veloz uma guerrilheira que lança a espada no chão, e se ajoelha chorando. É a gloriosa Anita Garibaldi!

Eu vejo, envoltos num halo de luz, Cruz e Souza e Luiz Delfino, o torturado simbolista e o parnasiano sublime que não choram mas que vertem sua grande dor nas lágrimas de seus versos!

Vejo Vitor Meireles rompendo uma tela com um soluço na garganta!

Eu vejo Jerônimo Coelho cobrindo de luto o facho iluminado da Imprensa!

Agora, agora... eu não vejo... Eu ouço! Ouço o rumor dos passos de uma legião que se aproxima! Ouço o rufar de tambores e o soar de clarins!

São os legendários barrigas-verdes que passam!

E no meio desta apoteose da glória ouço uma voz de mulher que se levanta e exclama:

— Meu filho querido!

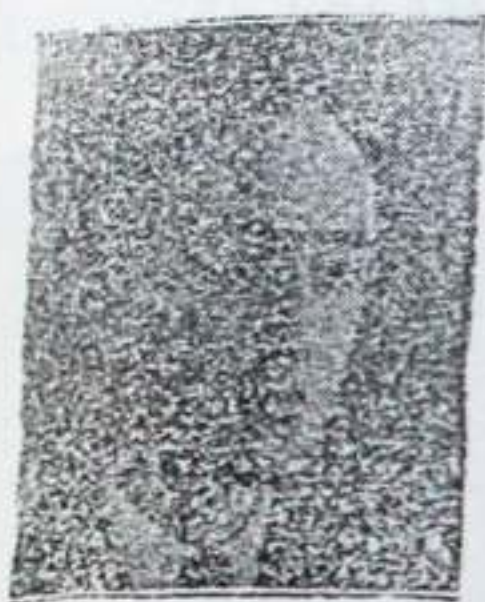
Eu que te embalei no meu berço, dorme o sono dos patriotas e dos idealistas!

Tu que tanto trabalhaste por mim e que semeaste estátuas, levantaste escolas, estimulaste a minha mocidade, terás teu monumento numa das minhas praças!

Dorme José Boiteux, no teu leito de glória, gozando os triunfos da Imortalidade.

E a voz misteriosa se cala!

Foi Santa Catarina quem falou!...



JORGE LACERDA,

UMA SAUDADE

Jorge Lacerda

Por Taliarbas Martins Costa

Sem dúvida, é o Jorge das letras que evocamos nesta homenagem especial. Muito nítida em nossa memória, ainda ecoa aquela voz amiga de tom fraternal.

Planejávamos o lançamento de "Litoral" e, solícito, ele nos deu apóio moral e financeiro. Engatinhávamos, então, em busca do reino extasiante da literatura e o seu pulso forte nos acompanhava e amparava. Exultantes, galgando com entusiasmo um a um os degraus do êxito, víamos cada vez mais perto o ideal a nos sorrir. Desejávamos, como desejamos experimentar a nobre satisfação pessoal de dar algo de nós mesmos ao bem estar da coletividade. Sonháramos com um manancial inesgotável de sabedoria e bondade, ao qual recorreríamos constantemente, mas desta vez o destino nos traiu. Silenciou a voz amiga; destruiu o pulso forte; secou o manancial; apagou aquêle farol sempre brilhante e orientador; subtraíu-nos brutal, repentina e cruelmente o inesquecível mestre.

Se nos vemos privados de seu convívio pessoal, feliz é o sabermos que o espírito do mestre jamais perecerá. O vínculo de sua personalidade marcante, que tem o seu lugar perpétuo nos anseios de "Litoral", há de perdurar indefinidamente.

A Manoelito de Ornellas, Othon d'Eça e tantos outros a quem "Litoral" deve, em grande parte, a sua existência, o espírito de Jorge Lacerda se associa fraternalmente, com aquêle destaque que sempre lhe foi peculiar em vida.

Agora, nesta manifestação saudosista, verdadeiro desabafo de gratidão de uma juventude que ele tanto amou, sentimos-nos honrados em dedicar-lhe a presente edição desta revista. É que "Litoral" não esqueceu e nunca esquecerá quem lhe foi tão caro, dedicado e amigo.

SANTA CATARINA,

A DIFERENTE

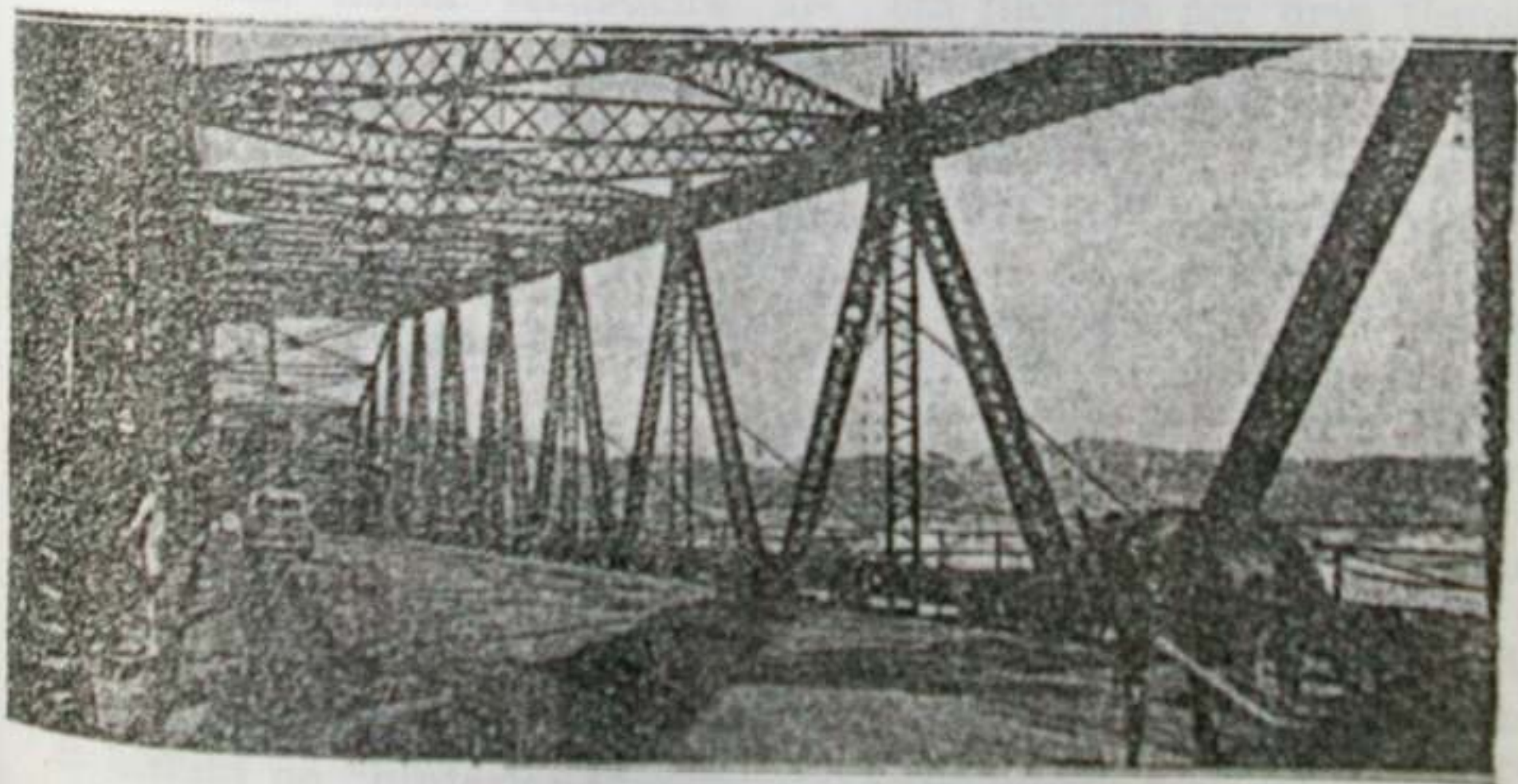
O AUTOR

Escritor inédito mas de forte influência nas canchas literárias do País, Jorge Lacerda tomou férias das letras para dedicar-se à política. De deputado federal por Santa Catarina, foi a governador do mesmo Estado. A gente de letras esperava com ansiedade a sua volta, lembrando os tempos em que ele dirigiu o famoso suplemento dominical de "A Manhã", "Letras & Artes", momento de intensificação e renovação da vida literária brasileira.

Texto de JORGE LACERDA

Uma Ponte Barriga-verde liga os Colonos

O que surpreende o viajante, quando percorre o território catariense, são os acidentes geográficos. Quem vive na Capital da República e ouve falar em Santa Catarina tem a impressão de que aqui a natureza é aquela "fêmea mansa", de que nos fala Gilberto Freyre, a respeito de outras regiões do país, que se agachavam sem resistência sob as botas petulantes do colonizador.



Pioneiros de ontem aos Brasileiros de amanhã

Daí a luta, verdadeiramente titânica, travada pelo lavrador catarinense contra o meio físico. Quantas lavouras, da raiz das montanhas ascendem até o cume, vencendo escarpas quase verticais como a submeterem o lavrador a verdadeiro alpinismo agrário...

Não obstante tudo isso, Santa Catarina soube plantar, entre as águas atlânticas e as barrancas do Peperi-guaçu, uma civilização peculiar na vida brasileira, caracterizada sobretudo pelo seu aspecto multiforme — mosaico cultural na paisagem nacional —, composto pelas mãos vigorosas de seus pioneiros, de várias procedências e de diferentes raças, como o dr. Blumenau, a maior figura de colonizador que o Brasil conheceu. Formado em filosofia por uma Universidade alemã, aqui fundou uma sociedade cujos estatutos vedavam a existência de escravos e consideravam brasileiros todos aqueles que participassem da organização. Dom Pedro II entusiasmou-se com os planos do colonizador, tornou-se seu amigo e o amparou nos seus empreendimentos. Com Blumenau veio o dr. Fritz Müller, considerado por Darwin o "Príncipe dos Observadores", isto há mais ou menos um século. Fritz Müller era socialista. Andava de tamancos e, às vezes, descalço, por certo para mostrar o rigor das suas convicções.

Ocorre, entretanto, o contrário. A natureza parece ter convocado as montanhas, numa verdadeira insurreição telúrica, para conter a marcha do homem. O chão catarinense foi sacudido por uma convulsão de serras. Para dominá-lo, foi mister a obstinação heróica daquelas raças que trouxeram do Velho Continente a decisão da luta e a paixão da conquista.

Os próprios rios, em Santa Catarina, ao contrário do que observava Pascal, não são aqueles caminhos que andam e nos levam para onde desejamos ir. Não colaboraram, como em outras regiões brasileiras, no trabalho de penetração do homem no "hinterland".

O município de Blumenau marcou, com as suas características, o Vale do Itajaí, onde encontramos enfeitando a paisagem tropical o casario talhado em linhas européias.

Mais acima, na carta geográfica do Estado, temos Joinville, grande centro industrial do Norte, colonizada por alemães e escandinavos. Nasceu, todavia, sob o paraninfado de princesa brasileira e príncipe francês: a princesa Dona Francisca, filha de Dom Pedro I, Imperador do Brasil, e o príncipe de Joinville, filho de Luís Felipe I, Rei dos Franceses. Apesar das singularidades típicas do processo de desenvolvimento que modernamente impulsiona a vida do Estado, é perfeita a integração de cidades eminentemente industrializadas, como Joinville, Blumenau e Brusque, no quadro rural. O progresso não expulsou a natureza, que continua participando da vida urbana, compondo-lhe a moldura e proporcionando ao homem os elementos para sua subsistência.

No século XVIII, os catarinenses chamavam o Rio Grande do Sul de "continente", como se o território de Santa Catarina se resumisse à ilha em que está hoje localizada Florianópolis, a antiga Nossa Senhora do Destêro. Do ponto de vista econômico e cultural, a visão que se oferece ao observador é a de um arquipélago: várias ilhas de cultura, cada uma com as suas peculiaridades. Na região do planalto, em que os costumes se assemelham muito aos do Rio Grande do Sul, predomina a indústria pastoril. O catarinense do interior em pouco ou nada difere do gaúcho. E o habitante das zonas coloniais se identifica perfeitamente com o colono do Rio Grande. Tais afinidades se explicam pela circunstância de Santa

Catarina ter, por intermédio dos bravos lagunenses, fundado o Rio Grande; pela similitude das características que marcam a paisagem física e humana; pelo fato de a população do Oeste constituir-se de 80% de gaúchos. Na soma de todos êsses fatores e dos imponderáveis psicológicos, reafirmados no curso da História, os dois Estados sulinos representam verdadeira unidade econômica e sentimental. Só nos faltam as planuras e coxilhas gaúchas, em que o homem alonga a vista até a barra do horizonte; o planalto catarinense, porém, é pontilhado de pinheiros, que se esparham aos milhares pelos campos, ou se adensam em capões às margens dos rios e no tópo das rechãs.

Na Serra Geral, bem defronte ao mar, ergue-se, a 1.200 metros, quase a cavaleiro do oceano, a cidade de São Joaquim, uma das mais altas do Brasil. Ali a natureza se manifesta num espraiamento de contrastes, cada qual mais impressionante aos olhos do brasileiro de outras procedências: no verão colhem-se frutas européias da melhor qualidade, e, no inverno, a paisagem cobre-se de neve.

Já no Oeste, onde florescem cidades que há pouco eram simples povoados, predomina a colonização teuto-italo-brasileira. É aí que onduiam os trigais de Santa Catarina. Na lavoura, que é a atividade principal, trabalham o homem e a mulher, segundo os bons costumes rurais europeus.

Ao Norte do Estado, vamos encontrar as grandes plantações de erva-mate, cuja indústria experimenta verdadeira ressurreição econômica. Nessa região é que se desenrolou, nos começos do século, alastrando-se, depois, entre os rios Uruguai e Iguaçu, a "guerra dos fanáticos",

também conhecida por "Campanha do Contestado", e que assumiu proporções maiores do que a Canudos, quer na extensão do campo de operações, quer no movimento de massas.

No Sul, temos o Vale do Tubarão, cujas terras, segundo a opinião de um agrônomo americano, convertidas em tabletes, poderiam ser exportadas como fertilizantes, tal a riqueza do seu húmus. É a região do vinho e também do carvão.

Recortado de praias, angras e enseadas, o litoral acolheu outrora o colonizador açoriano, cujo descendente, não afeiçoado aos trabalhos da terra, vive quase exclusivamente da pesca. No inverno é famosa a pesca da tainha em arrastão.

Fato curioso é o que se observa nas praias da Laguna: os pescadores, de pés fincados na areia e de tarrafas em punho, pescam as tainhas que são tangidas pelos botos até a praia. E os botos (pacíficos mamíferos do mar), que corcovejam à flor das ondas, renovam

inúmeras vezes o assédio marítimo, como perdigueiros amestrados a serviço dos pescadores.

O surpreendente é que os pescadores se familiarizaram de tal forma com êsses animais, que acabaram batizando-os até com nomes de gente. O "Fandango" (porque meio espalhafatoso), o "Cego" (porque nada meio zozzo), o "Chinelo" (por ser um bôto meio descansado), e o "Miranda", já falecido, que era o mais estimado de todos.

Esta é a história de uma singular sociedade, constituída de botos e homens. Não é mito, nem fábula. "No comêço era a fábula", dizia Valéry.

Na verdade, em tal caso, o mito é superado pela realidade; é a própria lenda "avant la lettre"; dir-se-ia que modestos pescadores corrigem Valéry: "Aqui a realidade é que precede à fábula. Os mitos vêm depois. A fábula, entre nós, perdeu a imaginação. A fantasia está na própria vida".

"MANCHETE" de 27-10-57

NOITE DE ARTE

NO CENTRO CATARINENSE DO RIO DE JANEIRO

No auditório do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, teve lugar uma concorrida e brilhante noite de arte, promovida pelo Centro Catarinense, através do seu Departamento Cultural, dirigido pela escritora Maura de Senna Pereira. Estiveram presentes figuras das mais representativas dos círculos sociais e políticos da colônia catarinense na capital da República. O Almirante Pinto da Luz, abrindo a sessão, concedeu a palavra ao Deputado Federal Jorge Lacerda, que falou sobre o alto sentido daquela festa de confraternização.



"A Divisão Cultural do Centro Catarinense, dirigida pela fina sensibilidade de Maura de Senna Pereira, convocou-nos, todos nós, de Santa Catarina e os amigos de nossa terra, para juntos fruirmos os instantes desta encantadora noite de arte. Há, entretanto, nesta reunião, mais o espírito de uma tertúlia íntima, do que o de um espetáculo público, de vez que nos sentimos aqui como se estivéssemos em plena lareira catarinense, no calo-

roso agasalho dos velhos serões familiares.

E Santa Catarina, sem dúvida, temo-la inteira neste ambiente, pela magia que a saudade engendra. Embora distante, ei-la viva, entre nós, como a atmosfera que, invisível, nos envolve.

E virão os cantos, e a música, e a poesia, como expressão da espiritualidade da terra catarinense.

Não é demais ressaltar a significação dêsse sadio espírito regionalista, de modo a se fundirem, numa expressão de brasilidade, o sentimento da província, a que pertencemos, e o da nação, de que somos parte. Êsse saudável sentimento regional não no-lo atenua o espaço, nem o tempo, pois conosco trazemos a terra longínqua, como as conchas do mar trazem consigo as vozes do oceano. Ressoa, ainda, em nossos ouvidos, o marulho suave das águas de todos os rios, que marcham fecundando os vales catarinenses. Guardemos em nossas retinas o colorido da paisagem, daquelas campanhas verdes que se desdobram no planalto, erguendo para o céu a silhueta heráldica dos pinheiros — velhos obeliscos vegetais — à sombra dos quais desfiam, em cadenciada marcha, tangidas pelos vaqueiros, as monótonas boiadas.

Do litoral, gravou-se-nos o fascinante espetáculo do velho mar, forja dos nossos marujos legendários.

Sangram, por lá, no vértice dos montes, os mais belos crepúsculos da terra. E, numa composição harmoniosa, revemos os cenários que realçam e fundem o encanto da natureza e o trabalho do homem, no rumor das cidades, no recesso das fábricas e na intimidade das lavouras. As espigas de ouro dos nossos trigais já estão flamejando à luz do sol, na pompa das nossas colheitas.

Por tôda parte, a atividade heróica, afanosa, do homem do campo. E, no labor fecundo, assistimos ao matrimônio de raças que, à luz dos trópicos, se estão amalgamando harmoniosamente.

Até as barrancas do Peperiguaçu vai sendo concluída por nossa gente a última página das gloriosas bandeiras — prolongamento heróico daqueles memoráveis lances, com que, nos altiplanos catarinenses, os sertanistas de Piratininga remataram o ciclo trissecular do bandeirismo.

Meus senhores, sob a inspiração da terra comum, e sob a égide da Santa excelsa que lhe deu o nome, eis-nos, pois, aqui, nesta festa, que vale sobretudo como testemunho do nosso amor a Santa Catarina. E, por sua crescente grandeza e por sua maior glória, saberemos vincular os nossos esforços, com o mesmo idealismo e a mesma fé com que arremessamos para os céus das nossas crenças as tôrres das nossas igrejas e das nossas catedrais!"

T. C. JAMUNDÁ

Certa noite de junho de 1939 ou 1940, Luiz Stotz (advogado em Blumenau), apresentou-me Jorge Lacerda. Era uma noite blumenauense de junho úmido e frio. Procuramos agasalho e lugar para um bate-papo no Café do Bliesner, então chamado "Expresso". Jorge Lacerda estava acompanhado pelo bacharel F. G. Buendgens, então titular da Promotoria de Bom Retiro, como disse Luiz Stotz na apresentação. Jorge Lacerda pareceu-me mais fidalgo que eloqüente. N. fim da conversa, já madrugada entrada na Rua Quinze empoeirada de neblina, havia notado que êle tanto era eloqüente como fidalgo no tratamento cordial, e sobretudo um excelente conversador.

Correram os anos e a impressão grata permaneceu indelével.

O segundo encontro ainda foi em Blumenau, porém o tempo dêle e o meu eram curtos. Estivemos minutos juntos com F. Alende, velho jornalista de dias difíceis junto com Jorge Lacerda, em Curitiba. Tive a impressão de que os dias difíceis foram também de experiência e em alguma coisa também divertidos, no sumário que ouvi do próprio F. Alende. Com a ambição de ver meu nome em letra de fôrma (faz tempo...), escrevi um conto para "Letras e Artes". Assim tive outro encontro com Jorge Lacerda. Porém ainda passei na redação do semanário de tão boa categoria literária, a conversa com Jorge Lacerda foi breve: um como-vai, seguido doutras palavras úteis e a conclusão num até-logo, como promessa de encontrar o tempo para conversa demorada. Aconteceu a conversa mais demorada durante a realização do 1º Congresso de História Catarinense. Êle presidiu uma das missões, e dela fui membro ativo. Estou lembrado de certo instantâneo: saímos para ver a ex-

posição de pintura que o escritor Maiques Rebêlo realizava, quando chegamos à rua, faltou luz Jorge Lacerda parou como quem ia declamar porém não recitou, disse apenas: esta minha terra anda sempre às escuras... nós um dia vamos inundá-la de luz (por certo as palavras foram outras, porém pensou assim).

Quando o congresso terminou possibilitei ao Prof. Manuel Paiva Boléu, visitar a Bacia do Itajaí, pois êle desejava conhecer a paisagem humana construída por imigrantes europeus Jorge Lacerda foi convidado para acompanhar o filólogo de Coimbra, na viagem de ida-e-volta em um dia só. Quando recebi o agradecimento, o Prof. Boléu, referiu-se à companhia de Jorge Lacerda como encantadora nos 400 quilômetros percorridos.

Estou ainda lembrado do pasmo causado a todos que em dois automóveis acompanharam o visitante português: Jorge Lacerda era recebido como pessoa esperada há muito tempo. O bacharel Walter Barros da Silva (promotor público) e o médico Clodorico Moreira (clínico) ambos em Indaial, anos depois analisaram o acontecimento. O visitante de honra era o emérito filólogo da Universidade de Coimbra, porém os visitados procuravam conhecer o dr. Jorge Lacerda. Ao almoço o ponto convergente foi êle, como também a palavra ouvida foi a dêle. Ali vi no fundo da interpretação que a palavra atraente, modulada e plena de encantamento, escondia a personalidade forte, capaz de chegar até onde o sonho já construía.

Outras vêzes encontrei-me com Jorge Lacerda, no Rio de Janeiro, quase tôdas, porém, sempre no ambiente simpático da Rua México, sempre antes da Livraria Agir, que indefectivelmente, se estávamos juntos, nela entrávamos. Uma vez andamos vários metros de calçada, êle Jorge Lacerda quebrou o silêncio para dizer: "a luta pela vida... exige luta". Aí havíamos chegado à Livraria Agir, comprou um livro de Paul Valéry, na língua original. Arrumou o trôco na carteira como quem recitava pensamentos.

Voltei a encontrar Jorge Lacerda outras vêzes, se era perto do almoço, íamos (convite dêle) para a esquina com Santa Luzia, na hora certa do bom Leoberto Leal passar, dissolvendo-se no mormaço carioca. Certa vez, esquentava o asfalto o

veranito de um maio findando, esperamos o amigo pagador de almoços, êle involuntariamente livrou-se porque não passou na tocaia ou a ela tínhamos chegados atrasados. Jorge Lacerda, persistente: "outro não nos escapará". Disse, e convidou-me a ir ver o dr. A. C. Konder Reis. Realmente, o amigo comum não escapou, contudo percebeu a nossa diversão filante. Associou-se ao momento divertido e fomos ao restaurante do Mercado. O amigo procurado nem tempo nos deu para os gestos de puxar carteiras, deixando entender que poupássemos energias.

Durante as campanhas políticas de Jorge Lacerda, raramente encontrei com êle: íamos ficando distantes, jamais o entendi na planície eleitoreira. Certa vez (a penúltima) escreveu-me carta pedindo fotografias da paisagem humana da Baía do Itajaí, e dados históricos do povoamento dela. Remeti o que pediu. Outra vez (a última e já governador) mandou que me fôsse apresentado o representante do Padre Lebrêz, interessado em levantamento sócio-econômico e de níveis de vida, na Baía do Itajaí. Atendi como podia e devia. O resto foi silêncio. Não faço esforço para acostumar-me a pensar que Jorge Lacerda desapareceu. Prefiro fazer de conta que ainda o encontrarei na Rua México; que iremos à Livraria Agir e ficaremos na esquina com Santa Luzia, atocaiando algum conhecido... É uma questão de tempo e de oportunidade em encontrá-lo, casualmente, como sempre.

Governador

Jorge Lacerda

O saudoso Governador, cujo corpo inanimado, consternados e compungidos, temos diante dos olhos, não logrou certamente a larga idade dos patriarcas. Mas viveu-a, como sabem vivê-la os homens de honra e de bem. Bom pai de família, modelar espôso. Homem público assíduo, numa constância indefesa no cumprimento do dever que o alcançou o último instante de vida.

Pai dedicado. Quantas vêzes lhe ouvimos o interêsse e a dedicação pelos filhos! Espôso fiel. Já tivemos ocasião de nos referir à chegada do preclaro extinto à cidade de Blumenau, por ocasião da solene inauguração da majestosa Matriz local. Sua senhora, hoje em pranto, havia chegado pouco antes, e já se achava alojada. Governador e Arcebispo estávamos juntos. S. exa. devia tomar parte em determinada cerimônia protocolar. Manda chamar o motorista, e, interessado, pergunta: "A senhora (referindo-se à espôsa) está passando bem? Está bem alojada? Não lhe está faltando nada?" As respostas foram tôdas afirmativas. S. Exa. pôde desempenhar tranqüillamente e sem maiores preocupações todos os deveres da pragmática.

Parte da oração fúnebre pronunciada pelo exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, D. Joaquim Domingues de Oliveira, por ocasião das solenes exéquias, realizadas na Catedral Metropolitana de Florianópolis.

Homem público. Aí estão as suas obras. A despeito da precariedade do tempo, também se lhe podem aplicar as palavras da Escritura: "De hoje em diante descansem os seus trabalhos, porque as suas obras o seguem: *opera illorum enim sequuntur illos*."

Nascido em 1914, o dr. Jorge Lacerda viu a luz do dia no mesmo ano e quase no mesmo mês em que tomamos posse do então bispado de Santa Catarina. E desde que nos conhecemos logo nos compreendemos e estimamos. Nenhuma nuvem jamais turvou, de leve que fôsse, a nossa amizade. Não era, propriamente, o político que nos fascinava. Eram, antes de tudo, as suas qualidades públicas e particulares.

D. Joaquim Domingues de Oliveira

Ainda há pouco, a nosso convite, externava o desejo de tomar parte na tradicional festividade de Nossa Senhora de Azambuja, nos dias 14 e 15 de agosto próximo, e, nesse ensejo, visitar o novo Seminário Menor Metropolitano, em adiantado estado de construção. E, por isso, no Palácio, por ocasião da transmissão do poder ao senhor Vice-Governador do Estado, devendo viajar para o Rio, e para melhor certificar-se, chamando-nos à parte, inquire: "Os dias da festividade?" — "14 de noite e 15 de manhã, Exa." — "Bem. Estamos entendidos".

A festa, foi passá-la no céu.

Morreu como viveu. Para o último instante, recorreu às alturas, alturas físicas, imagem das elevações morais. Tentou subir, para mais depressa chegar e repousar no seio amoroso de Deus.

Adeus Governador!...

O Sr. Heriberto Hülse, em nome do Govêrno e do Povo de Santa Catarina, proferiu, sob intensa emoção, as seguintes palavras de despedida, no salão nobre do Palácio do Govêrno, momentos antes de os esquifes do Governador Jorge Lacerda e do Deputado Leoberto Leal saírem para as solenidades fúnebres na Catedral Metropolitana:

"Catarinenses,

Em hora tão grave de tristeza e recolhimento, sejam as nossas primeiras palavras, uma invocação à padroeira do Estado, à nossa amada Santa Catarina, para que, neste momento de dor e de luto, nos guie e ilumine, amparando-nos com as suas graças e bençãos divinas neste penoso transe que estamos vivendo.

Estão mortos Jorge Lacerda, Nereu Ramos e Leoberto Leal.

Deus conhecia os anelos de harmonia e de concórdia por que ansiavam êsses grandes espíritos, e disse-lha que selou, com a morte, a união que não chegara a concretizar em vida. É a mensagem de paz que êles deixam aos que ficaram, como um apêlo e uma advertência.

O destino não poderia ser mais inexorável com o nosso Estado, ferindo-o tão cruelmente no núcleo dos seus valores culturais e políticos.

O Senador Nereu Ramos, homem de grande envergadura moral e cívica, expoente da cultura e do pensamento político de Santa Catarina, alçou-se aos cimos mais eminentes da vida política e administrativa do país.

Foi duas vêzes Deputado Estadual, Governador do Estado por cerca de dez anos, Deputado Federal em várias legislaturas, líder da maioria no Congresso, Presidente da Comissão que elaborou a Constituição

de 1946, várias vezes Presidente da Câmara dos Deputados, Presidente do Diretório Nacional do P. S. D., Senador por Santa Catarina duas vezes eleito, Vice-Presidente da República, Presidente do Senado, Ministro da Justiça, tendo, em 11 de novembro de 1955, assumido a Presidência da República.

Eis, em linhas sumárias, a fulgurante carreira do insigne catarinense. Com a sua morte o Brasil perde um autêntico líder e Santa Catarina o seu grande e glorioso filho. Como intérprete do Povo e do Governo do Estado, rendo à memória do estadista ilustre, que tanto honrou e engrandeceu a sua terra, as homenagens que lhe são devidas.

O Deputado Leoberto Leal era um dos representantes das novas gerações políticas e figura de primeira linha na alta direção do Partido Social Democrático. Iniciou a sua vida pública como Secretário da Viação nos Governos de Luiz Gallotti, Udo Deeke e Aderbal Ramos da Silva, tendo sido o pioneiro das reuniões econômicas e agrícolas em nosso Estado e um estudioso desses problemas. Foi deputado federal duas vezes, e ultimamente, vice-líder da maioria na Câmara, tornando-se no plano federal, junto ao atual Governo, um porta-voz dos interesses do Estado de Santa Catarina. Tombou na plenitude de sua vida, quando ainda tinha diante de si um brilhante itinerário a percorrer. Não pôde realizar sua legítima e natural aspiração, que era a Governança do Estado, mas, por um singular capricho do destino sai hoje desta casa, para a morada definitiva, com as honras de chefe de estado, irmanado com o Governador Jorge Lacerda, nesta comovente e comovedora homenagem. Ao saudoso e ilustre catarinen-

se, o adeus do Governo do Estado e dos seus coestaduanos, que jamais esquecerão os serviços por êle prestados a Santa Catarina.

Quanto me custa falar, em momento tão doloroso para o meu espírito, do querido amigo, do eminente, digno e honrado Governador Jorge Lacerda, na hora derradeira da despedida, quando o seu corpo desce, pela última vez, as escadas do Palácio para subir as escadarias da glória eterna e reclinar-se no seio de Deus.

Sim, quanto me custa falar ... Quisera que o silêncio, apenas o silêncio, fôsse o portador, na sua linguagem entrecortada de soluços, da imensa dor que neste momento magoa o coração de todos os catarinenses. Mas, os deveres do cargo me impõem esta dolorosa missão de apresentar as despedidas do povo, o último adeus dos seus conterrâneos.

Governador Jorge Lacerda,

Todos os teus amigos, tôda Santa Catarina, todo o Brasil, com o coração alanceado, choram inconsolavelmente a tua morte. Tu que sempre amaste o povo, o homem simples e anônimo da rua; tu, que te comovias mais com as homenagens dos pequenos e humildes do que com as honrarias dos grandes, deves estar satisfeito, deves ter sentido um grande conforto, pois não há paralelo em Santa Catarina, de cenas mais tocantes, de exemplo mais comovente do que êste espetáculo do povo em lágrimas, desfilando diante do teu corpo.

Nesta mágoa sem cura, sentimos a perda do grande amigo que fôste de todos nós, o amigo cheio de devotos pelos seus amigos, capaz mes-

mo de ir ao sacrifício por êles, e tantas vêzes incompreendido naquelles gestos de irmão para irmão, de pai para filho, que tanto te caracterizavam. Os homens de coração frio, habituados a analisar as atitudes apenas pela lógica das razões de Estado, não poderiam jamais compreender e, sobretudo, sentir a beleza intrínseca dêsses gestos, a grande lição de fraternidade humana que delas se desprendiam. Poucos homens públicos do Brasil se podem vangloriar de possuir, nas origens do seu ser, um conteúdo de humanidade em tão alto grau e uma índole tão profundamente democrática como a tua. Êstes eram, incontavelmente, as grandes virtudes que te plasmavam o caráter e te enobreciam a intelligência. Nunca guardaste ódio, nunca alimentaste desafeitos, nunca feriste o próximo. Cultivaste como ninguém aquella virtude tão rara e tão difícil de praticar, porventura a maior dentre quantas nos ensinavam os Evangelhos: a virtude do perdão.

Se grande é a nossa dor pela perda do amigo, não menor nem menos profunda é o nosso pesar pelo desaparecimento do estadista moderno, dinâmico, intelligente, atento a todos os problemas da nossa terra. Os Governos, Jorge, são como as montanhas: temos que guardar certa distância, para vê-las em tôda a sua majestade. As proximidades e paixões do momento cegam as vistas desarmadas de lentes de alcance. Só a perspectiva é que nos pode dar a nítida e exata visão da obra de um administrador. E a tua administração, desgraçadamente interrompida, vinha seguindo um ritmo magnífico e fecundo. Plantaste em nosso Estado algumas daquellas árvores seculares que se altanam nas nossas florestas, e que hão de dar

sombra às gerações do futuro, perpetuando o teu nome na memória e no coração de todos os catarinenses. O teu Governo foi uma legítima escola de Democracia. Jamais permitiaste o menor arranhão às liberdades públicas e à livre manifestação do pensamento, mesmo quando êste estravasava os limites do bom senso. Quando foste homenageado pela Ordem dos Advogados de Santa Catarina, encerraste o teu discurso com esta frase que bem define a nobreza do teu espírito e que bem poderia esmaltar a lápide da tua campa, como o mais límpido e glorioso epitáfio de um homem público: "Ao término do meu mandato, menos me lisonjearão as referências a empreendimentos materiais e culturais que lograr concluir, do que as que espero que façam, mercê de Deus, a um Governo que prezou a Justiça e defendeu a Liberdade".

Perdemos-te, — ó meu amigo — no momento culminante da tua carreira, quando nos era lícito esperar

ainda muito da tua grande capacidade de trabalho, da tua primorosa inteligência, do teu alto idealismo. Perdemos-te em pleno viço da tua mocidade, quando ainda tinhas uma grande missão a cumprir à frente dos destinos de nossa terra. Perdemos-te para sempre, é verdade, pungente e dolorosa verdade, — mas aqui ficará, como um foco de luz perene a iluminar a consciência dos teus sucessores, a grande, a definitiva, a inolvidável lição de Democracia que deixaste neste Palácio.

Vai, Governador Jorge Lacerda, vai, meu caro amigo, que aqui ficaremos para prosseguir a obra que iniciaste, a admirável obra do teu governo, e cultivar a tua memória, aquecidos pelo calor humano que nos vem da lembrança do teu coração. O povo, êste povo que tanto amaste em vida, aqui está para levar-te nos braços até à última morada, como nos braços te trouxe para esta Casa, no dia da tua ascensão ao Governo.

Adeus Governador, adeus meu querido amigo Jorge Lacerda! ...

sombra às gerações do futuro, perpetuando o teu nome na memória e no coração de todos os catarinenses. O teu Governo foi uma legítima escola de Democracia. Jamais permitiaste o menor arranhão às liberdades públicas e à livre manifestação do pensamento, mesmo quando êste estravasava os limites do bom senso. Quando foste homenageado pela Ordem dos Advogados de Santa Catarina, encerraste o teu discurso com esta frase que bem define a nobreza do teu espírito e que bem poderia esmaltar a lápide da tua campa, como o mais límpido e glorioso epitáfio de um homem público: "Ao término do meu mandato, menos me lisonjearão as referências a empreendimentos materiais e culturais que lograr concluir, do que as que espero que façam, mercê de Deus, a um Governo que prezou a Justiça e defendeu a Liberdade".

Perdemos-te, — ó meu amigo — no momento culminante da tua carreira, quando nos era lícito esperar

ainda muito da tua grande capacidade de trabalho, da tua primorosa inteligência, do teu alto idealismo. Perdemos-te em pleno viço da tua mocidade, quando ainda tinhas uma grande missão a cumprir à frente dos destinos de nossa terra. Perdemos-te para sempre, é verdade, pungente e dolorosa verdade, — mas aqui ficará, como um foco de luz perene a iluminar a consciência dos teus sucessores, a grande, a definitiva, a inolvidável lição de Democracia que deixaste neste Palácio.

Vai, Governador Jorge Lacerda, vai, meu caro amigo, que aqui ficaremos para prosseguir a obra que iniciaste, a admirável obra do teu governo, e cultuar a tua memória, aquecidos pelo calor humano que nos vem da lembrança do teu coração. O povo, êste povo que tanto amaste em vida, aqui está para levar-te nos braços até à última morada, como nos braços te trouxe para esta Casa, no dia da tua ascensão ao Governo.

Adeus Governador, adeus meu querido amigo Jorge Lacerda! ...



JORGE LACERDA E PANCETTI

No centro uma marinha do pintor

HOMENAGEM A JORGE LACERDA

FLAVIO DE AQUINO

Pouco a pouco se vai fazendo um vazio à nossa volta. Primeiro foi Santa Rosa, depois Pancetti, José Lins do Rego e Eutáquico Duarte e agora se vai Jorge Lacerda, o culto, bom e amável Jorge de quem, em muitos anos de amizade, jamais ouvimos uma crítica áspera a alguém, uma só palavra de ódio.

Como político, Jorge Lacerda conservou intactas as qualidades fundamentais que desde 1946, quando começou a dirigir o suplemento "Letras e Artes", o tornaram estimado. Seus amigos e companheiros desta época continuaram a ser até hoje: Adonias Filho, Ascendino Leite, Otto Maria Carpeaux, Oswaldo Goeldi, os irmãos Condé, Luís Jardim, Marques Rebelo, Mário Cabral e tantos outros, entre os quais nos incluímos.

"Letras e Artes", suplemento do jornal "A Manhã", abrigava tôdas as tendências, lançou artistas e literatos, revolucionou inteiramente o caráter dos nossos suplementos literários. Jorge Lacerda se desdobrava, seus cuidados iam desde a impressão até a escolha e ilustração da matéria. Em pouco, o suplemento tornou-se a verdadeira razão de ser do jornal que o publicava.

Em 1950 Jorge é eleito deputado por Santa Catarina. Era o início da sua surpreendente e infelizmente curta carreira política. Na Câmara continuou, ainda, seu interêsse pelos problemas culturais. Foi o autor dos projetos sobre direitos autorais, regulamentação de censura cinematográfica e pela concessão de um crédito de 10 milhões para o Museu de Arte Moderna do Rio e outro de igual importância para o Museu de Arte Moderna de São Paulo. Em 1955, com 40 anos de idade, está governando Santa Catarina. Ajuda os jovens da revista "Sul", procura iniciar a construção de um novo e moderno Instituto de Educação para Florianópolis e encomenda o projeto para a Biblioteca e Museu de Arte Moderna da mesma cidade.

Seu comêço foi duro, assim como seu fim foi trágico. Foi sua cultura, seu esforço cotidiano, ajudados pela sua amável personalidade, que abria tôdas as portas e multiplicava facilmente amizades, que, finalmente, o converteram num político de projeção nacional.

Tudo isso foi interrompido o mês passado, em Curitiba. Um avião no meio da tempestade, um veterano piloto que cometeu o único êrro da sua vida (um êrro de poucos metros, de dois minutos) e o desastre brutal acontece. Seus amigos sofreram com esta injustiça, passaram a noite da desgraça se interrogando pelo telefone na esperança de uma notícia melhor, num desejo coletivo de protestar contra a imbecilidade da sorte.

É difícil a gente se adaptar à idéia da morte de Jorge, do político que jamais deixou de ser um intelectual, que nunca deixou de ser o mais cordial sereno e constante dos amigos.

Jornal de Letras

(Agosto de 1958)

Jorge Lacerda

O desaparecimento de Jorge Lacerda, Nereu Ramos e Leoberto Leal, em circunstâncias tão trágicas, abriu um claro difícil de ser preenchido na vida política de Santa Catarina. Eram três figuras de homens públicos de singular e marcante individualidade. Entre eles não havia traços em comum, sobretudo em relação ao velho Nerêu, que, apesar de haver seguido todos os cursos da escola de Getúlio, nunca lhe assimilou o estilo um tanto sibilino, os passes de mágica, a abracadabra política de que foi mestre inigualável. Nerêu não se ajeitava bem numa técnica em que o sorriso e a mão espalmada completavam o sortilégio. Conhecia os truques, mas não era um mago. Faltava-lhe o demônio interior. Homem de cara fechada e atitudes francas, tinha outro estilo como outra era a sua personalidade, forte e inconfundível personalidade.

Nereu Corrêa

Jorge e Leoberto possuíam alguns traços em comum, a despeito de serem intrinsecamente irredutíveis a qualquer paralelo. Não está, porém, no plano deste artigo o estudo dessas três personalidades e o que nelas havia de comum ou de distintivo. Hoje, pretendo apenas fixar alguns traços de Jorge Lacerda. Não sei se conseguirei evitar o tom apologético. Creio que não. Quando uma pessoa nos toca muito de perto ficamos como que obnubilados pela sua presença. As lembranças nos acomodem em tropel, baralhando-nos o senso analítico. Falta-nos a perspectiva que só a distância nos pode oferecer.

O primeiro contado que tive com Jorge Lacerda foi no Rio, lá pelos idos de 1945, quando o procurei para entregar-lhe, pessoalmente, uma colaboração para "Letras e Artes". Há pessoas que se comunicam logo no primeiro encontro. Jorge era assim. Nunca pude esquecer aquêles momentos que marcou o início de uma admiração e de uma estima, que o tempo se encarregaria de cimentar. Falou-me como se fôssemos velhos conhecidos. Mas, somente depois que êle assumiu o Governo do Estado foi que passamos a ter contatos quase diários.

Era homem de grandes virtudes morais e humanas. Possuía uma inteligência agudíssima, servida por uma sensibilidade de artista. A sua vocação para a política, entretanto, não lhe permitiu que se realizasse literariamente. Espírito inquieto, vivendo dia a dia o frêmito das lutas partidárias, nunca dispôs de tranquilidade para a elaboração de uma obra meditada, digna do seu talento e da sua cultura. Deixou-nos, todavia, algumas dezenas de dis-

ursos escritos quase sempre de afogadilho, açossado pela premência do tempo e pelas exigências do protocolo. Mas em todos êles nota-se a presença do homem de letras, do político assessorado pelo intelectual, do estadista preocupado em imprimir às suas orações uma mensagem de cultura. Não os escrevia. Ditava-os, pois Jorge Lacerda possuía o dom da palavra, a arte de falar em público com a graça e a elegância de um perfeito orador.

A oratória, aliás, foi a arma mais poderosa de que se valeu em suas campanhas políticas. O famoso discurso das dragas e a sua ressonância nos meios administrativos, determinando uma providência do então Presidente da República, é um exemplo de como êle sabia extrair os melhores efeitos dessa arte, mesmo diante de um assunto árido e anti-político. Votava um sagrado horror ao estilo de relatório. Tudo que lhe saía da pena era em ritmo de prosa sonora e poética. Não se tratava, porém, de uma sonoridade vazia, de puro efeito verbal. Animava-a, pelo contrário, uma vibração interior, um sopro lírico por vèzes fulgurante, e todavia sugestivo, onde entravam certas palavras-chaves de aprimorado gôsto literário. A frase saía-lhe quase sempre incisiva e tersa, com a ênfase própria do orador, mas sem as distorções incômodas da ordem indireta, nem o ritmo cadenciado dos períodos longos. Desprezava os conetivos. Como Rui, habituara-se a escrever em tom oratório, sem entretanto cair nos exageros da pompa verbal, nos vanilóquios dos fogos de bengala do estilo altissonante. Em suma, era um grego da Renascença deslumbrado pela luz dos trópicos.

Disse, no início desta crônica, que Jorge Lacerda não chegou a realizar-se literariamente. Já assinou um crítico moderno que há autores que, depois de mortos, continuam vivendo em função das suas obras, ao passo que outros subsistem apenas através daquilo que foram como homem. Voltaire, Tobias Barreto e Jaime Ovalle seriam exemplos desta última categoria. Jaime Ovalle não chegou a deixar um livro. Mas em todos êles a personalidade transcendeu a obra. Ainda que Jorge não nos tivesse deixado a coleção de "Letras e Artes", que é o mais soberbo monumento do seu espírito; ainda que dêle não nos restassem os seus discursos, alguns de timbre genuinamente antológico, sobreviveria pela memória da sua vida, pela marca superior do seu espírito, pela sua inteligência sutil e penetrante, e sobretudo pelo inesgotável fluxo humano que constantemente manava do seu coração. O coração de Jorge Lacerda! Só os que com êle privaram sabiam-lhe as dimensões amazônicas.

De uma feita, quando ainda deputado federal, acompanhei-o à Editora "A Noite". Tinha recebido os seus honorários e ia pagar Cr\$ 3.000,00 ao gerente da Editora. Quis saber a razão daquele pagamento e êle explicou-me: era um livro já editado, de um escritor pobre, seu amigo, cuja edição vinha pagando de seu bôlso, em prestações mensais.

Uma das suas alegrias era subir os morros de Florianópolis para conviver, por algumas horas, com a população mais humilde da Ilha. Alegria e tristeza, pois sofria com o espetáculo de miséria que às vêzes se rasgava diante dos seus olhos. Na sua mesa de trabalho encontravam-se pastas com as

seguintes etiquetas: "Morro do Chapecó", "Morro do Céu", "Morro do Mocotó" e outras, ao lado das pastas dos municípios catarinenses.

Curioso era que, ao subir os morros, nunca se descaracterizou. Ia sempre metido na sua melhor fatiota, o que levou alguém a observar que Jorge era o único político que subia os morros de colête sem cair no ridículo. O colête, aliás era uma peça do vestuário que êle jamais dispensou. Conta-se que, em Curitiba, no momento em que vestindo o seu corpo, vendo-o sem colête, um estudante, que o conhecia, tirou o seu e disse:

— Com licença, o Governador Jorge Lacerda nunca saiu sem colête!

E vestiu-o, êle próprio, no inditoso Governador. Jorge era assim. Sabia identificar-se com os humildes sem se travestir. Foi sempre êle mesmo. Todos os seus gestos nasciam das fontes profundas e originais do seu ser. Daí o êrro daqueles que achavam que êle devia ser, no Govêrno, um autoritário. Não, Jorge não podia ser aquilo que êle não era intrinsecamente. Seria trair a sua própria natureza humana. E êle, bem ou mal, manteve-se fiel até o fim a essa natureza.

Democrata inteiriço, jamais permitiu qualquer forma de restrição à liberdade de pensamento. Respeitava a imprensa, menos por temor aos ataques do que pela índole liberal do seu espírito. Tinha horror às injustiças. Não assinava um ato de transferência sem primeiro certificar-se de que não se tratava de perseguição. Trabalhador admirável, meio dispersivo e desorganizado, dir-se-ia que encontrava, no tumulto dos papéis, na desordem aparente das coisas, o clima ideal ao seu espírito inquieto e desafeito às tranqüilidades emolientes.

Não conheci quem melhor encarnasse o protótipo do homem cordial. Poucos conseguiram resistir-

lhe à fascinação pessoal, ao poder aliciante do seu espírito. E, no entanto, era um humorista, não no sentido machadiano, resumando amargura e pessimismo. Mas à Eça de Queiroz, pleno de graça e de subtileza, ferindo a nota cômica e temperando de malícia e ironia os seus comentários.

Gostava de possuir as coisas em duplicata e essa ambivalência o acompanhou até a morte. Nasceu no Paraná mas dizia-se catarinense, e de fato o era de coração, pois aqui viveu grande parte da sua juventude. Possuía dois diplomas: um de médico e outro de bacharel em Direito. No suplemento "Letras e Artes", conseguia esta coisa realmente admirável: publicar num lado da página um artigo de Plínio Salgado e, no outro, um conto do comunista Graciliano Ramos, demonstrando que ali os contrários realmente se tocavam. Foi neste país o único candidato integralista que recebeu votos de comunistas. Era Presidente de honra da UDN catarinense e Vice-Presidente do Diretório Nacional do PRP. Festejava dois aniversários: um na data do seu natalício e o outro no dia de São Jorge. E morreu com o nome de Pedro dos Santos na lista dos passageiros da fatídica aeronave.

Adonias Filho foi exato quando afirmou que, com a morte de Jorge Lacerda, houve um empobrecimento da humanidade. Era um homem que dignificava a espécie humana. E, como naquele apólogo de Machado de Assis, foi a agulha que abriu caminho para muita linha... Sabia vencer sem humilhar, subir sem ofender. Não tinha vaidades e jamais cultivou desafetos. Em suma, Jorge Lacerda só tinha um defeito: o defeito de ser bom demais.

Revista LEITURA



SEM APONTAMENTOS

29-7-58

(JORGE LACERDA)

I

Falando de Hercílio Luz, em discurso na Faculdade de Direito, lembro-me haver assinalado que dêle sòmente chegaram às gerações seguintes os exemplos e as realizações. E ficaram, por conterem sentido e conteúdo do bem comum, enquanto as restrições já haviam morrido pelo caminho, mal alimentadas nas inquietações passageiras das contendas partidárias.

Quando o futuro fixar, longe dos tumultos, os traços da personalidade moça de Jorge Lacerda, serão vigorosos os que lhe caracterizarem a sensibilidade democrática.

xxx

Em função do papel que venho desempenhando nos quadros oposicionistas desde 31 de janeiro de 1951, têm-me sido outorgadas várias procurações para ilidir atos oficiais, atentatórios de garantias e

lesivos de direitos. Diversos mandados de segurança consegui obter. Com êles ganhei apenas a satisfação de garantir liberdades e consolidar prerrogativas de funcionários postos na lista negra do govêrno. Em quase todo perdi o dinheiro das custas e dos selos processuais. Na administração Lacerda não fui ao Judiciário. Os casos que me confiaram, levei-os ao Executivo, expondo-os nos seus aspectos jurídicos e políticos. E o Governador, provando que errara por entendimento, repôs os lesados nos seus direitos. As vezes demorou por demais. Compreendi que precisava de prazo para vencer descabidas intransigências da politicagem.

xxx

Creio que nascesse numa aula do Padre Contessoto, no Ginásio Catarinense, a primeira ligação externa e conhecida de Jorge Lacerda com a palavra democrata.



Costumava o saudoso sacerdote dedicar algumas das suas aulas ao estudo das origens dos vocábulos portugueses. Depois dos ensinamentos, as arguições:

— Seu Inor Mesquita, qual a proveniência da palavra pêssego?

— Vem de *frutus persicum*!

— E da palavra campanha, seu Tony Sizenando? Cite as derivações.

— Campanha, seu Padre, vem de *tintinabulum*, tintainha, campanha!!!

— *Tintinabulum* é o seu nariz! Campanha tanto vem de *campanula*, como você vai para a rua até estudar as lições!!!

— Democrata vem de...? Diga, seu Jorge Lacerda.

— Vem de grego *demos*, que quer dizer povo, e de *kratos*, que significa força, governo.

xxx

O episódio não é fantasia. Assim ou parecido, aconteceu para deixar entre os contemporâneos de estudos, a lembrança de que, para Jorge Lacerda, era motivo de alegria provir da pátria de seus pais uma palavra que estava na ordem do dia do Brasil, à época. Se é certo que para conhecer-se o Inácio, é

dar-lhe um palácio — Jorge, quando teve um, dêle se valeu para uma realização de democracia política. No governador vi o ginasiano refinando o *demos* e o *kratos*, cuja união vernácula tanto lhe excelia ao espírito.

xxx

Mas... nem sempre foi assim. Em 1934 ou 35 eu o vi, de camisa verde, pregando um *processus* de governo que não era lá muito consentâneo à democracia. Ouvi-lhe um discurso, no adro da Catedral, com afirmações que me decepcionaram: mãos nos quadris, ênfase messiânica, voz estertórica, para dizer que na Rússia as mulheres eram ordenhadas.

Cobrei-lhe os exageros e disse-lhe que *demos* e *kratos* lhe mandavam lembranças...

Devolveu-mas em 1937, quando fiquei estadonovista!

II

Quando começaram a surgir as primeiras alusões à candidatura de Jorge Lacerda ao governo do Estado, tivemos um encontro ocasional no LUX.

Como das vezes posteriores, municiei-o de um cigarro e de uma piteirinha filtrafumo e fiz a indagação:

— Quando é que sai o “conjugo vobis” com a U. D. N.?

Pitando o cigarro — pois jamais aprendeu a fumar — respondeu-me:

— Isso tudo são conversas! Minha candidatura tem a história do “boizinho das piranhas”.

— Qual é essa história?

— No Mato Grosso ou Goiás, sei lá, onde os tropeiros quando têm que atravessar um rio infestado de piranhas, para que elas não ataquem o grosso das tropas fazem o seguinte:

um pouco antes de efetivarem a travessia, pegam um boizinho menos valorizado e o lançam ao rio, um pouco abaixo do lugar do vau. As piranhas se atiram a êle e, enquanto o devoram, a tropa passa incólume. Na atual "passagem" política de Santa Catarina, a minha candidatura é a do "boizinho das piranhas".

xxx

Depois de oficializada sua candidatura fiz-lhe a piada:

— As piranhas catarinenses, ao que parece, são diferentes: respeitam o "boizinho" e devoram a tropa!

Jorge deu boa risada e explicou:

— Passei de balsa!

xxx

Quando do 25º aniversário da fundação da Faculdade de Direito, os festejos comemorativos foram encerrados em sessão solene, no "Teatro Álvaro de Carvalho". Por motivos que não correm à minha conta, essa sessão, no tocante à assistência, foi um iracasso, muito embora a presença do Diretor Geral do Ensino Superior do Brasil, as próprias tradições e os interessados mesmos da Faculdade pedissem uma noite de gala. Quando acabei de proferir o discurso que me coube, o Professor Moura Ferro veio abraçar-me, para dizer-me:

— Você fez muito bem em dirigir-se em primeiro lugar ao governador Jorge Lacerda!

— Mas, na Mesa, não era êle a mais alta autoridade? Prafraseando ou plagiando o Ministro Simões Filho posso garantir-lhe que apesar de haver perdido a última eleição, não perdi a educação!

Pouco depois, o governador também me falava:

— Ótimo discurso! Mas você o leu muito apressado, como que quises-

se acabá-lo de uma vez! Eu também sou assim! Auditório vazio líquida com a gente...

III

Quando da reunião dos governadores da bacia dos rios Paraná e Uruguai, nesta Capital, o programa oficialmente estabelecido foi por demais intenso e compacto.

Ao governador Bias Fortes, mineiro, e por isso, telúricamente bonachão e paciente, ouvi reclamar, com ares superciliosos de James Cagney, contra o corre-corre das sessões e reuniões:

— Levanto de madrugada e ou não faço a barba ou não tomo café ou perco números da agenda!

Dos sete chefes de Executivo presentes ou representantes — cinco eram pessedistas. O P. S. D. catarinense procurou hora para homenageá-los. Não encontrou nem minuto disponível.

E o jeito de rompermos — os da direção pessedista — a "cortina de ferro", foi penetrarmos nela através de um convite de Jorge Lacerda para uma recepção no Palácio da Agrônômica.

O Presidente do Partido e o seu Secretário Geral, rigorosamente enfarpelados, aconteceram, assim, pela primeira vez nos meios oficiais, como ativos representantes da "muy leal e valerosa" oposição.

Fidalgamente recebidos, o governador Lacerda de mãos postas, num gesto muito seu, encheu-se de interjeições:

— Mas como! O Celso e o Ju por aqui! Que é que vai acontecer!?

Abraçou-nos com a mais viva alegria e de imediato apresentou-nos aos governadores visitantes:

— Êste recanto aqui fica sendo pessedista.

E ali, de fato, mantivemos cordial palestra com Ildo Meneghetti, Bias Fortes, Ponce de Arruda e o representante do Paraná.

xxx

A certa altura, um alto auxiliar do governo, como na história do ratiño que buscava disposição no excesso do licor escocês, entendeu de fazer-me perguntas impertinentes.

Jorge Lacerda deve ter percebido que algo não estava bem. E, chegando-se à rca, travou-me de braço e explicou:

— O assunto em pauta fica para a próxima sessão! Preciso contar um segredo de Estado à imprensa adversária!

xxx

A saída escutei o que disse a Celso Ramos:

— A presença de vocês dois foi enorme satisfação! Quebrei o tabu das "figurinhas difíceis"! Do plano social poderemos passar para o político.

IV

A última vez que conversei com Jorge Lacerda foi a 14 de maio — pouco mais de um mês antes do seu trágico desaparecimento.

A data me ficou porque a palestra foi no Palácio do Governo.

Na véspera O ESTADO festejara seu 45º aniversário. Entre as pessoas que nos vieram trazer seus cumprimentos, esteve o Cel. Walmor Borges, chefe da Casa Militar do governador, portador das saudações do chefe do Executivo.

No dia seguinte fui a Palácio agradecer a gentileza.

Anunciada a presença do diretor do jornal oposicionista veio a ordem de receber-me no salão nobre!

Era muita honra para um pobre marquês!

A espera foi de dois ou três minutos. O governador apareceu sorridente:

— Só mesmo o dr. Jorge Lacerda era capaz de trazer o dr. Rubens de Arruda Ramos ao Palácio!

— Na verdade, estou aqui para agradecer-lhe o gesto democrático da visita de ontem!

— Sei que você — deixemos de formalismo — não vinha ao Palácio há vários anos.

— De fato! Desci as escadas com Aderbal, a 31 de janeiro de 1951 e somente hoje subo outra vez. Obviamente não sou inimigo pessoal do Palácio. Durante esse tempo nada tive que fazer por aqui...

— Achava que as portas estavam fechadas? Não! Se estiveram estão abertas agora com as chaves...

— ... de Joinville?

Rio a valer. Pediu café. E falamos amistosamente sobre o pleito de Joinville. Estava decepcionado com alguns resultados:

— Vocês condenam minha demagogia, mas ainda é ela a grande força no Brasil. Em Joinville, nas ruas que mandei calçar, quase em segredo para os outros não saberem...

— O Afonso Ghizzo?

— ... os resultados não se modificaram e a sova foi alarmante. Fazer proselitismo político com realizações ainda não é para nossa época!

Quando serviram café olhou-me de soslaio e reclamou:

— Agora mandem o fotógrafo!

Continuamos a falar do pleito de 11 de maio. Pediu-me interpretações sobre a vitória oposicionista. Concordou com algumas e recusou outras.

— O pior é que me atiram às costas tôdas as culpas. Será que a oposição vai endossar esse juízo?

— Não! Seremos como Salomão: dividiremos a culpa! E isto é justo, pois se o Presidente da U. D. N. aceitasse a conciliação não haveria vencidos nem vencedores!

Aí apareceu o fotógrafo. O governador quis suspender a chapa:

— Não! Não precisa! Com o Ju não quero os riscos de uma exploração!

— Por mim, governador, não há objeção! Estou aqui cumprindo um

dever e sobre isso não pode haver exploração. Não vim secretamente. Sua visita foi pública.

Foi batida a chapa. Mas, ao fotógrafo, o governador deu ordem de entregar-me o negativo — o que, aliás, ainda não foi feito.

xxx

Naquela mesma sala, 32 dias depois, junto ao esquife de Jorge Lacerda eu pedi a Deus o descanso de sua alma.

GUILHERME TAL

(Rubens de Arruda Ramos)

Jornal "O Estado"

Imagem do Dia

**PALAVRAS DO PRESIDENTE
JUSCELINO KUBITSCHEK**

“Jorge Lacerda vivia uma hora de realização magnífica. Moço, animado por um alto desejo de servir o seu país, mal começava uma carreira de homem público que se anunciava esplêndida. Era não só hábil e inteligente, como também de boa vontade e um patriota”.

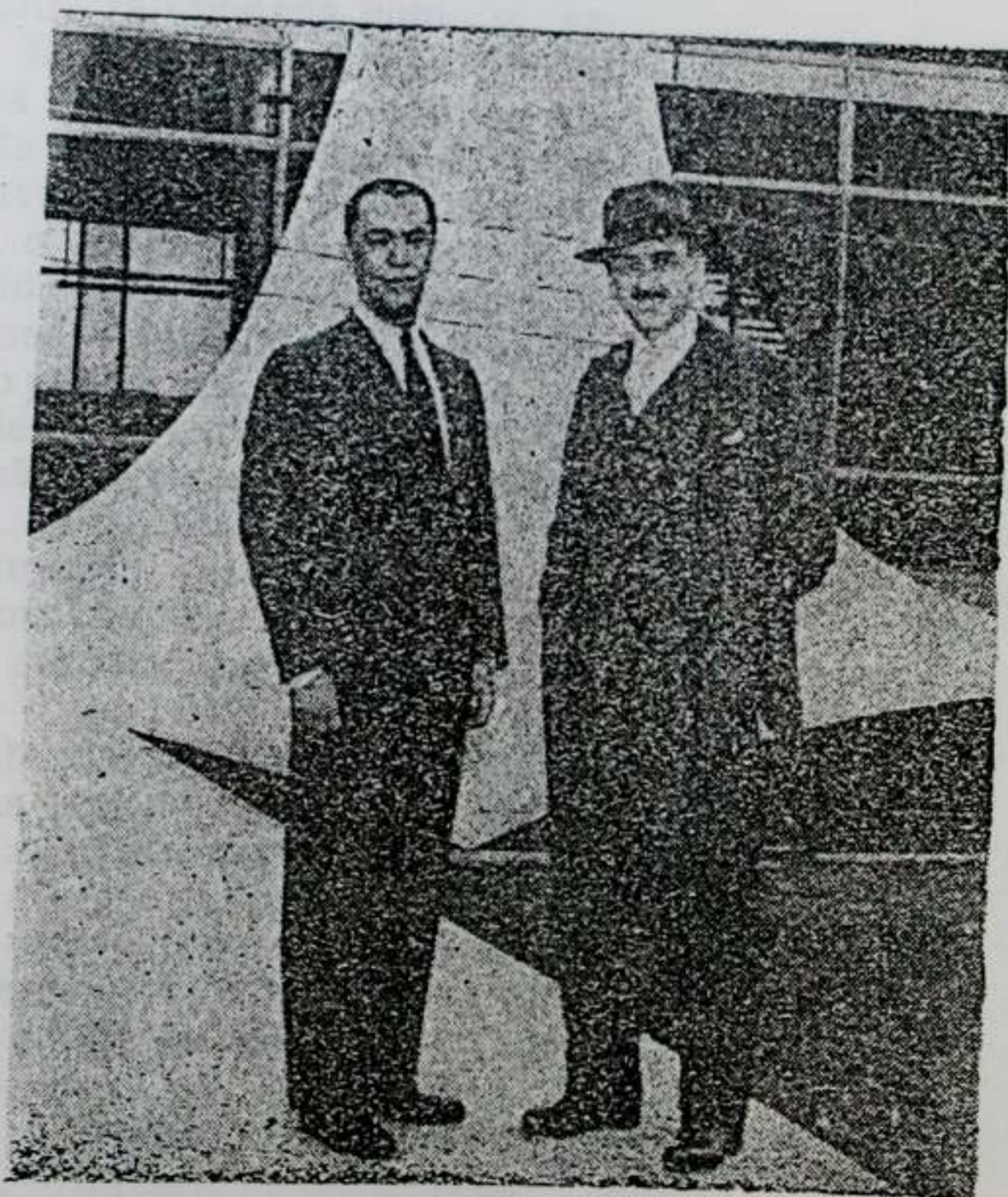


Imagem do Dia

C. Drumond de Andrade

Jorge Lacerda — lembro-me dêle dirigindo, com bom gôsto e habilidade política, o suplemento literário de "A Manhã" — um jornal que a gente só lia aos domingos, por causa do suplemento. Cada número, concebido como um objeto delicado, devia ter na primeira página um bom artigo sem que êsse destaque aborrecesse os colaboradores. Respeitava tôdas as vaidades, e não lhes obedecia. Êsse texto inicial era sempre ilustrado pela produção de uma obra de arte, direta ou indiretamente relacionada com o assunto. Muitas vêzes Jorge ia à biblioteca do DPHAN à caça de um livro de arte que pudesse fornecer a gravura; se não o encontrasse, adiaava o artigo de Carpeaux ou de Engênio Gomes. A ilustração de um verso constituia problema de solução ponderada, de modo que poesia e desenho parecessem ter nascido irmãos. Para isso, Santa Rosa, Goeldi, eram catados na cidade como diamantes. Cada semana Jorge vivia um pequeno drama de tipografia e literatura de que parecia extrair sumas delícias. No govêrno de Santa Catarina, deve ter aplicado essas qualidades de gôsto, imaginação, amor à coisa bem feita, prudência e sagacidade, que apurou lidando com escritores e artistas. Deixa entre nós um sulco de simpatia e muita saudade.

("Correio da Manhã")

UM HOMEM BOM...

Norberto Ulisséa Ungaretti

Lê-se nos Evangelhos que Jesus recomendou aos discípulos, a ninguém chamassem "bom", senão ao Pai, que está no céus. Mas, se dentro da relatividade dos merecimentos humanos podemos adjetivar alguém com aquela expressão que o Cristo reservara, em sentido absoluto, para o próprio Deus, é-nos permitido dizer de Jorge Lacerda, que êle foi um bom.

Duas espécies de bondade observam-se nos homens: uma, estudada e falsa, artificiosa e inconsistente, destina-se a causar impressão exterior; a outra, evangélica, autêntica, profunda, é a que sublima os espírito e os recomenda à glória eterna do Senhor. Esta foi a que marcou a sua poderosa individualidade moral.

A bondade extravasava dos seus gestos, das suas palavras, do seu olhar, com a mesma espontaneidade com que fluem as águas cristalinas das fontes escondidas.

Aquêles sorriso, que se fizera, nele, uma atitude permanente — suave expressão de tranqüilidade interior —, era um sorriso de bondade, iluminado e generoso.

No seu coração enorme, incompreendido tantas vezes, ganhavam ressonância o apêlo de todos os sofrimentos e o clamor de tôdas as angústias. Por isso, a característica que mais singularmente se destacava na sua personalidade, era o amor aos humildes, a comovedora admiração que dedicava aos heróis das lutas sem nome e sem glória, perdidos nos desvãos do mundo, alheios aos interesses que nos empolgam, devotados à conquista do nada que é o seu tudo, silenciosos personagens

da epopéia das suas vidas miseráveis. Amava-os, e quisera ardentemente vê-los felizes; como não podia mitigar-lhes tôdas as dores, sorria para êles e os abraçava, num gesto largo de compreensão e de ternura, que lhe conferia, por vezes, certos ares de apóstolo extraviado pelos corredores sombrios da vida política.

Alma de poeta, estimava o convívio da natureza e tinha olhos de ver o mistério, o segrêdo e o encanto dessas pequeninas sensibilidades artísticas. Punha interrogações no céu e parecia, como no poema famoso, obter respostas das estrêlas. Detinha-se na contemplação das flôres, gostava de aspirar a fragrância das noites frescas, e os crepúsculos alucinantes desta ilha, constituíam sempre um renovado prazer para os seus olhos e uma fonte de emoções perpétuamente novas para o seu espírito.

Este homem, que pareceu viver fora e acima de seu tempo, deixou entre nós um suave perfume de bondade.

A sua alma, que ascendeu às regiões da luz e da verdade, deve estar feliz, na mansões tranqüilas do infinito.

O seu túmulo há de ser o ponto para onde convergirão, pelos anos afora, as romarias dos simples e dos humildes, que êle tanto amara. Pelas noites calmas e iluminadas, quando as estrêlas, tremeluzindo no cenário esplendoroso do firmamento, receberem a carícia das paisagens calmas; quando as flôres se orvalharem, para a festa das madrugadas; quando tudo fôr silêncio pelas cidades buliçosas dos homens, é possível que o vento, tangendo, de leve, as cordas dos ciprestes, advinhando que ali repousa um justo, entoe, baixinho, uma canção lamuriosa de saudade.

Amigo JORGE

Otto Maria Carpeaux

Já foram devidamente apreciadas as grandes qualidades de Jorge Lacerda como político e administrador, que lhe garantiram carreira das mais rápidas e mais brilhantes; e que lhe teriam garantido futuro maior, se o acidente sem sentido não lhe cortasse tão inesperadamente o fio da vida.

Também já foram devidamente apreciados os méritos de Jorge Lacerda, como intelectual; seu Suplemento "Letras e Artes, de "A Manhã", foi na época o mais eficiente veículo de divulgação de cultura literária e artística no país. Nunca considerava Jorge Lacerda totalmente encerrada aquela fase de sua vida. Ainda se esperavam dêle, com certeza, semelhantes e maiores iniciativas no futuro. Ter-se-iam realizado, se o acidente sem sentido não lhe cortasse tão inesperadamente o fio da vida.

Seu projeto de reforma da legislação sobre os direitos autorais define-lhe bem a atuação: entre a vida política e a vida cultural Jorge Lacerda foi uma ponte. Mas agora, a ponte se quebrou. Está tudo perdido. Temos perdido, antes de tudo, um grande amigo.

Um dos seus livros preferidos foi aquêle romance "A Ponte de San Luis Rey", de Thornton Wilder. Muitas vêzes êle me lembrou o artigo que escrevi sobre êsse livro: o primeiro artigo que escrevi no Brasil. Muitas vêzes êle me falou do próprio romance, dessa história do desastre de uma ponte, acidente que corta os fios de vida de tantas criaturas, acidente sem sentido — mas quem tem o direito de julgá-lo assim? Quem adivinha os desígnios da Providência Divina? O frade que quis decifrar o sentido oculto naquele desastre foi condenado pelo inquisidor porque não temos o direito de justificar os atos de Deus. "Nesta vida", disse o imperador Marco Aurélio, "dois atos em vez de cinco, já podem ser uma peça completa". Não é o tempo de relógio que mede o valor de uma vida talvez já plenamente realizada. Não chega até o outro lado a ponte que nossa compreensão pretende construir para chegar até o reino desconhecido. Só há, diz Wilder, uma ponte entre os países dos vivos e o país dos mortos: é a ponte do amor. Do amor que guardamos ao amigo desaparecido.

Adeus, amigo Jorge.

"Correio da Manhã", 21-6-1958.



JORGE LACERDA: O homem e a sua paixão

WALTER F. PIAZZA

Neste momento, em que os mais expressivos padrões da cultura brasileira lançam nos periódicos, ainda atordoados com o impacto da perda brutal e inesperada de Jorge Lacerda, as suas homenagens e testemunham a sua saudade e a sua admiração ao confrade morto, não poderia fugir à contingência de depor publicamente, sobre a faceta mais expressiva daquele que, profundamente, foi admirado como homem-de-letras!

A preocupação cotidiana de Jorge Lacerda pelos problemas de imprensa, acostumado que fôra, desde cedo, ao convívio das linotipos e dos componedores, nada mais era que um reflexo da sua formação cultural, onde o esteta se sobrepunha às demais necessidades da criatura humana.

E esse sentir e viver pelas coisas boas e belas, pelas coisas intimamente ligadas ao espírito, foram constantes da sua existência, retratadas, desde logo, quando guindado à direção de "Letras e Artes" — segundo depoimento incontestável de Otto Maria Carpeaux — e prosseguidas, com a mesma intensidade, na enunciação dos seus discursos parlamentares e nos seus brilhantes pareceres na Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados e, ainda, com o mesmo fervor e a mesma lúcida inteligência, nos últimos dois anos, continuadas no Governo do nosso Estado — que era seu, também, porque aqui viveu, lutou, amou e sofreu!

Atestando essa preocupação pelas letras e pela cultura não se pode olvidar a atenção permanente que dispensou, quer como Deputado Federal, quer na qualidade de Primeiro Mandatário do Povo Catarinense, às questões atinentes à inteligência humana. Todos os reclamos das Faculdades procurava Jorge Lacerda atendê-los. Todos os movimentos literários tinham nele um admirador e um incentivador, como últimamente demonstrara com relação a "Roteiro", ora prestes a circular.

Procurou, sempre, elevar a Cultura Catarinense e nada melhor que fatos para ilustrar e atestar a assertiva. Aí estão: a Diretoria de Cultura, em boa hora entregue ao Prof. George Agostinho da Silva — elemento de valor intelectual incontestável e que sendo estrangeiro está acima das "igrejinhas" locais — e toda a série de trabalhos que tem orientado e que tem auxiliado, propiciando um alargamento nos horizontes culturais do Estado e do seu trabalho profícuo melhor dirá o futuro; o Museu de Arte Moderna, cuja reinstalação, no sentido dinâmico da moderna museologia, constituiu, por si só, uma consagração ao Governante que tal propiciou; e, ainda, a Biblioteca Pública, cujo projeto, a cargo de renomados arquitetos, está em fase final e que realizado em concreto artaria para a posteridade o seu nome e, por isto mesmo, creio que, executada a obra, concretizado aquêlê sonho de esteta, nada mais justo que, no seu frontispício, se grave **CASA DE JORGE LACERDA**.

Mas, isto não basta para quem foi intelectual de idéias cristalinas, do mais puro sentir! É preciso muito mais!

É preciso que o Governo do Estado, entregue, a um dos seus auxiliares diretos, a tarefa de coligir, coordenar, revisar e enfeixar em volume os seus mais belos discursos, quer parlamentares, quer governamentais; a outro se dê a obrigação de biografá-lo, mostrando, em "flashes", aos que não privaram da sua intimidade, as múltiplas características da personalidade versátil e policrômica de Jorge Lacerda.

É preciso, também, que a Juventude Universitária, de quem êle foi amigo incondicional, se reúna, se congregue, e lhe erga, na praça fronteira ao Palácio da Agrônômica ou no "campus" da futura Universidade, um bronze, que diga aos pósteros quanto Jorge Lacerda foi amigo dos livros e de tudo o que a êle se relacionasse!

E fazem-se estes apelos, ao Povo e Governo de Santa Catarina, pela simples razão de que sejam dadas à memória de Jorge Lacerda aquilo que ele mais gostaria de ter visto: um livro seu, a sua biografia, e, também, a sua recordação pelas gerações futuras.

Explique-se, pois...

No seu sentir de esteta, vivia um enorme drama intelectual, quando precisava deixar gravado, no papel, o seu pensamento. A menor dissonância magoava-lhe o ouvido, doía-lhe a sensibilidade.

Quando conversava problemas de ordem pessoal não evidenciava a sua mágoa pelas críticas que adversários lhe faziam — simplesmente, sorria... com aquêle sorriso tão seu!

E, foi pela sua paixão, pelas coisas da Cultura que, sem sentir, fui envolvido por Jorge Lacerda, no seu afã de dar, ao nosso Estado, maior amplitude e melhor ressonância no cenário cultural da Pátria Brasileira.

HENRIQUE PONGETTI APRESENTA O SHOW DA CIDADE

JORGE LACERDA Governador de Santa Catarina tinha uma incurável saudade do Jorge Lacerda diretor do suplemento "Letras e Artes". Oito dias antes do desastre, apressadamente, êle confessava isso a um amigo escritor. Deixou deduzir que o sucesso político e a chegada ao Poder, numa idade ainda bem distante do ceticismo e do enfado, não o deslumbraram nem lhe deram felicidade. Cumpria a custo de qualquer sacrifício seus deveres de homem público; amava a sua terra cheia de problemas e de tormentos; mas a realidade política enfrentada de cara desgostava-o. Nem Kyrana, sua espôsa, e nem sua filha, menina-moça, encontravam no Palácio de Florianópolis, cortejadas pela bajulação e mimadas pelo interesse, a alegria do apartamento de artista em Copacabana. Ali se reuniam pessoas inteligentes. Não queriam nada uma da outra, fora o prazer da troca de pensamentos, do intercâmbio de emoções.

("O Globo" — 20-6-58)

Marcílio Medeiros

Chora Santa Catarina e por muitos anos chorará o recente desaparecimento de seu ilustre filho de adoção, vítima de lutuoso desastre aviatório. Jorge Lacerda, nascido em Paranaguá, veio ainda menino, na companhia dos seus progenitores, modestos imigrantes gregos, para Florianópolis, terra que, desde então, muito amou e muito enobreceu. Aluno brilhante do Ginásio Catarinense, Lacerda destacou-se depois nos meios acadêmicos de Curitiba, onde se formou em Medicina, conquistando, pela sua fulgurante inteligência, afabilidade e bondoso coração a estima e a simpatia dos mestres e discípulos. Ardente idealista, ingressou, acreditando expressar o integralismo a filosofia e o movimento político que poderiam levar o Brasil a grandes destinos, na Ação Integralista Brasileira, tornando-se, nos círculos estudantis, o seu líder mais destacado. Orador primoroso, dono de rico e variado vocabulário, eloquente, imaginoso, a sua palavra vibrante e fluente era reclamada com insistência nos comícios partidários, e mesmo aqueles, como nós, que não lhe seguiam os princípios ideológicos, admiravam a sua magnífica oratória.

No Rio de Janeiro, para onde se transferiu depois de formado em Medicina, Lacerda venceu, galhardamente, numa terra onde a competição seleciona os melhores valores, pelo seu talento e apreciável cultura. Fêz correira nos meios jornalísticos da capital da República, merecendo os aplausos e a admiração dos maiores intelectuais do País pela maneira altamente equilibrada e esclarecida com que dirigiu apreciado suplemento literário. Deputado federal em duas legislaturas, foi eleito Governador no pleito de 3 de outubro de 1955, derrotando combativo e prestigioso competidor. À frente do Governo catarinense, cargo que assumiu no meio de acesa paixão político-partidária, quando a serenidade ainda não voltara aos espíritos, jamais traiu os seus sentimentos humanitários, nunca faltou aos apelos do seu grande coração. Durante os dois anos e meio em que governou Santa Catarina, um só ato não lhe aponta de perseguição política, a nenhum funcionário removeu ou de outra forma prejudi-

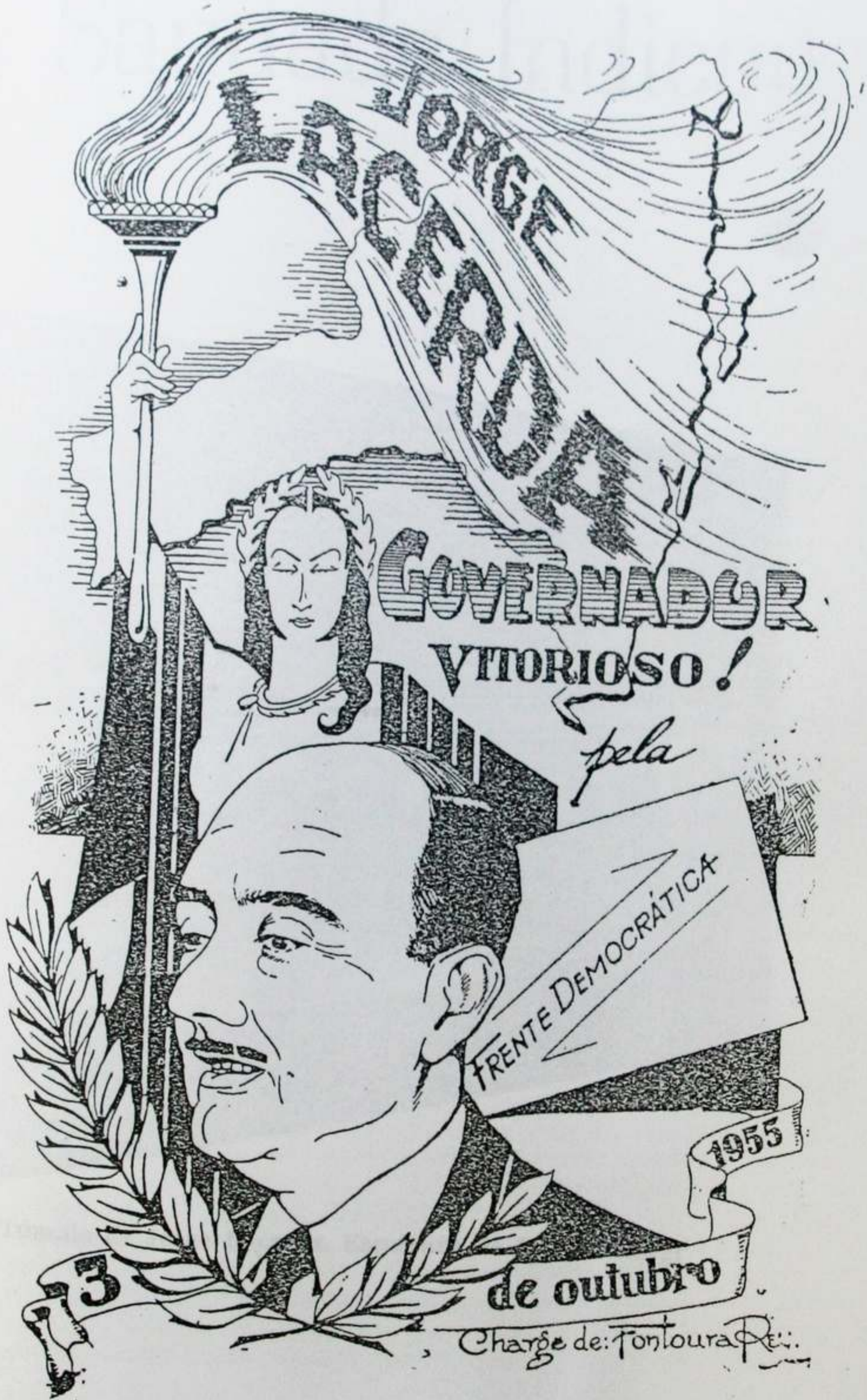
cou por motivos partidários. Vivamente preocupado com a solução e o encaminhamento dos grandes problemas administrativos, muito lutou e contribuiu para a criação da grande usina termo-elétrica de Capivari e da indústria siderúrgica sul-catarinense. A par desses importantes assuntos, entretanto, tinha também a sua atenção constantemente voltada para a melhoria de vida dos humildes e desafortunados a quem nunca faltou com a sua palavra confortadora e amiga, e mais do que isto, aos quais sempre tinha aberta a sua bolsa, partilhando com os mesmos os seus vencimentos de Governador, mais não lhes podendo proporcionar porque viveu e morreu pobre, pois nunca se preocupou em acumular bens de fortuna.

Os únicos erros de que o acusavam seus adversários políticos — inimigos nunca os teve — era a constante preocupação de a todos atender e de a ninguém despedir sem uma palavra de esperança, erros que não o eram propriamente e que outra coisa não traduziam senão impulsos do seu generoso coração, sempre aberto à prática do bem. Jorge Lacerda sofria quando circunstâncias mais fortes que a sua vontade — a lei ou outro qualquer motivo de força maior — o impedia de fazer todo o bem que o coração lhe mandava.

Em suas relações com o Legislativo e o Judiciário, a ambos sempre respeitou e prestigiou, jamais tendo procurado estabelecer questões de procedência. À magistratura dispensou invariável respeito e acatamento. Graças à sua iniciativa, os juizes catarinenses hoje desfrutam condigna situação material, muito superior à da magistratura de importantes Estados da Federação.

Amigo e incentivador dos esportes — vejo aqui uma das facetas mais interessantes do seu belo espírito — Lacerda vibrava com as vitórias esportivas catarinenses. As festas populares sempre contaram com o seu apôlo e incentivo; era comum, nessas festividades, vê-lo confraternizar, alegremente, com os pobres e com os humildes.

Choram os catarinenses e por muito tempo chorarão a morte do magnânimo governante.



GOVERNADOR

VITORIOSO!

pela

FRENTE DEMOCRÁTICA

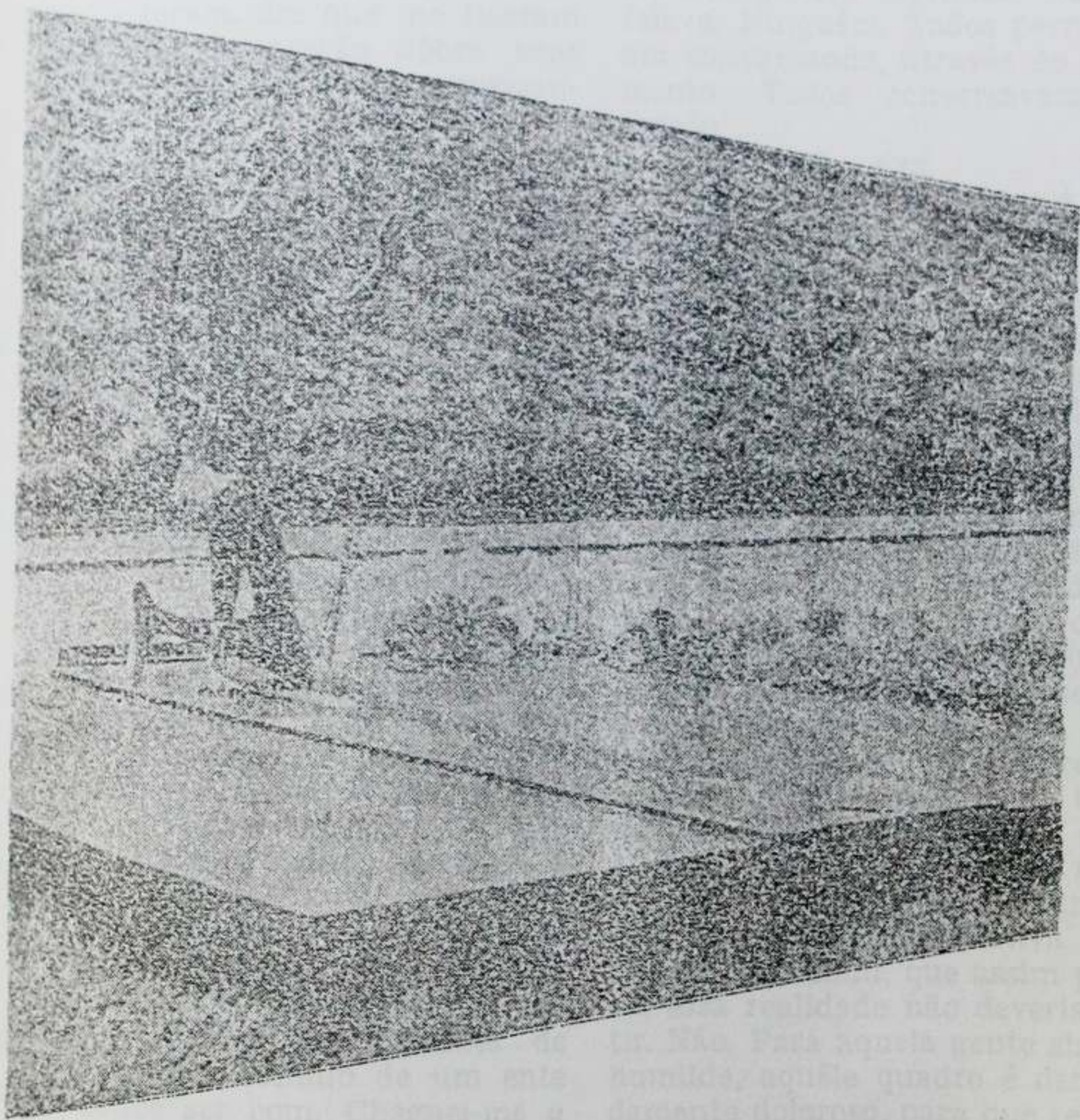
1955

13

de outubro

Charge de: Fontoura Pereira

A Saudade Indicou



Túmulo de Jorge Lacerda. Escultura de Bruno Giorgi

Outro Caminho

Adão Miranda

No último dois de novembro, cumpri, como tantos outros, aquela abrigação, que nos toca tão fundo a alma. Reverenciei a memória dos que se foram, dos que me ficaram mais perto do coração. Sobre suas campas frias, orei. Orei, conversando. A oração não é porventura, a conversa íntima, do nosso pensamento com os que vivem outra diva? A prece, não é, como nos ensinou Jesus Cristo, o caminho mais curto de se chegar aos Céus?

E, nos momentos em que permaneci, ali, no Cemitério do Itacorobi, tão bem tratado, tão caprichosamente conservado, meus olhos úmidos, contemplaram realidades. Realidades que ferem a alma da gente. Realidades que vivem refletindo, na sua mudez, a verdade evangélica.

Vi e senti o que todos vêem e sentem na presença dos túmulos.

Mas, um fato me falou mais profundamente ao coração. Um fato isolado, num quadro simples. Na realidade expressiva de sua presença. Na presença realística de um túmulo singelo, apesar das flôres a indicar saudade.

xxx

Vi gente humilde rodeando, em silêncio, mudos e acabrunhados homens e mulheres, em atitudes de sentimento, o túmulo de um ente que soube ser bom. Cheguei-me a ele. Ninguém dizia palavra. Ninguém. Algumas senhoras idosas, alguns homens humildes. Crianças, também comungando do mesmo sentimento de saudade. Cerrei os olhos e rezei. Como fizera, momen-

tos antes, ante a campa de meu saudoso e querido pai. Rezei, como outros que, de momento a momento, enxugavam lágrimas. Ninguém falava. Ninguém. Todos permaneciam conversando, através do pensamento. Todos conversavam pela oração.

xxx

Aquêles quadro falou-me à alma. Longos momentos permaneci com o pensamento no nome e na figura daquele que ali dorme. E, numa sequência interminável de quadros, revivi aquela criatura que, em vida, sorria quando abraçava aquela gente humilde, que descia dos morros para vê-lo. Tôda aquela gente que ali cercava aquêles túmulo, com semblantes agora expressando dor, eu acostumara a ver, subindo e descendo as escadarias do Palácio do Governo. Tôda aquela gente que ali estava, em posição de sentido, guardando aquêles local tão sagrado para todos, eu via sempre, procurando falar com o "seu" Governador. Tôda aquela gente estava ali para levar àquêles que lhe foi tão útil, a sua prece, pelo descanso de sua alma amiga e caritativa.

Não. Para mim, que assim pensava, essa realidade não deveria existir. Não. Para aquela gente simples, humilde, aquêles quadro é demasiadamente doloroso, para que seja tão duramente realístico. Para mim, para os que conviveram aquelas cenas de vida exuberante, de verdadeiro apostolado, como Jorge Lacerda, aquêles quadro que todos contemplamos, hoje, é simplesmente a

realidade que não poderia ser. Para todos os que o amavam, para os que o adoravam pela maneira simples de distribuir justiça, de sorrir ao fazer o bem, de procurar a perfeição no julgar os erros de seus semelhantes, de sentir em sua alma a tristeza dos que o destino golpeava... para todos nós, aquêlê quadro deveria não ser realidade que nos golpeia o coração.

xxx

E, ao deixar aquela necrópole, trouxe comigo, na alma angustiada, essa verdade tão dura: é que, tôda aquela gente que ali estava orando pela alma do nosso sempre lembrado Jorge Lacerda, sente que a saudade lhe indicou outro caminho...

— o —

JORGE LACERDA

MILTON CARNEIRO

Confesso, com tôda a franqueza, que não tive ânimo para ver morto um dos homens mais vivos que conheci: Jorge Lacerda. Era meu conterrâneo, de Paranaguá, descendente de gregos e lhes sabendo um pouco a língua. Começou nossa amizade em 1934, quando êle foi meu aluno de Parasitologia, na Faculdade de Medicina do Paraná. Desde então, quase todos os anos, passei a contar em aula o que succedeu certa vez, entre nós. Jorge Lacerda, muito curioso das coisas da ciência e com esperança de que eu fôsse capaz de lhe tirar as dúvidas, uma vez me chamou a atenção para o fato seguinte: palavras genuinamente gregas, tendo sentido certo na língua de origem, parecem mudar um pouco de sentido quando passam para a língua médica.

Chamou minha atenção e me fêz esta pergunta: — que sentido vale mais, o original ou o médico, professor? — Evidentemente o original, porque os médicos não têm o direito de invadir a propriedade alheia e lhe modificar a raiz ou alicerce. Você deve colecionar uma dúzia de palavras nessas condições e, no fim do curso, escrever e defender tese de doutoramento "SÔBRE IMPROPRIEDADE DE TÊRMO EM MEDICINA". E já que estamos tratando deste assunto, você Jorge, que sabe grego, pode mesmo dar umas lições. Preciso muito delas, pois a maioria das palavras que uso no meu curso, vêm dessa língua.

Fiz-lhe a proposta, mas êle, com delicadeza, não a aceitou, dizendo-me que seria uma inversão inadmissível, passar de aluno a professor, mas que arranjaría uns livros em que eu aprenderia, com facilidade, o que quisesse aprender. Disse isso e arranjou. Poucos dias depois, me deixou na mesa de professor um pacote, envolvido em papel de embrulho. Trouxe-o para casa, abri os livros e não pude ler nenhuma linha: TUDO EM GREGO. Depois disto, por ocasião do nosso primeiro encontro, houve êste diálogo: — Os livros que você me mandou ler parecem ser de cálculo integral. Não vi nada em português. Fiquei na mesma.

— Pois olhe aqui, professor: lamento muito, mas o que lhe dei “É O QUE HÁ DE MAIS ELEMENTAR”.

Mais tarde, depois da sua formatura, só mais duas vezes nos reencontramos: uma por correspondência, quando êle dirigia, com muita de Janeiro e a outra, aqui em Curitiba, no Centenário do Paraná, em 1953, na porta do Colégio Estadual do Paraná, minutos antes da sessão inaugural do Segundo Congresso Brasileiro de Filosofia, organizado e dirigido pelo professor Gabriel Munhoz da Rocha.

Na primeira, foi para lhe mandar minha colaboração para o Suplemento, aliás remunerada, o que me ocorreu esta única vez, em 32 anos de articulista, não por vocação, mas por impulso.

Na segunda, assisti, bem quieto, à interessante conversa entre Jorge, que elogiava a excelência do Congresso, por causa da presença, já sabida, das figuras mais representativas do pensamento brasileiro e Gabriel, que recebia, com justificável júbilo, o merecido elogio. Mas quando Jorge, além do elogio, lamentou um pouco por inexecutável, não poder comparecer a tôdas as conferências, Gabriel como era natural (responsável, cem por cento, pelo êxito do conclave intelectual), não gostou nada da leve lamentação e lhe observou, muito razoavelmente, que ninguém poderia, mesmo que quisesse, assistir a tudo, pois a exiguidade do tempo e o grande número de conferências, lhe tinham obrigado adotar esta resolução: duas ou mais conferências de comunicações ao mesmo tempo e em locais diferentes.

Foi então que eu entrei na conversa e, para desculpar Jorge Lacerda, disse ao meu amigo Gabriel: — O Jorge teve azar. Lamentou antes de mim. Eu estava, também, com lamentação na ponta da língua.

— x —

Repito: não tive ânimo para ver morto, um dos homens mais vivos que conheci: Jorge Lacerda.

Prefiro guardar na lembrança a imagem do meu saudoso amigo, como sempre êle me apareceu: ensinando alegria, distribuindo patriotismo, semeando inteligência, talento, simpatia e irradiando cordialidade e amor ao próximo.

Estado do Paraná (19 de junho de 1958)



No único sinistro de envergadura que em trinta anos correu sob os céus de Curitiba: Morre um homem e um destino...

E. G. C.

NÃO mais ouvirá V., grande Jorge Lacerda, o marulhar de seu tranqüilo Itiberê, margeando a velha rua da Praia, da Paranaguá de seu berço, da Paranaguá que tanto o queria, da Paranaguá que V. soube honrar e da qual foi um dos mais fulgurantes e gloriosos filhos...

NÃO mais ouvirá V., inesquecível Jorge Lacerda, o canto das arapongas por entre a densa floresta da Serra do Mar — verde mataria, cerrada, imponderável, que ontem mesmo V. sobrevôu como se lhe estivesse dando um último adeus, um último olhar, um último aceno...

NÃO mais falará V., admirável Jorge Lacerda, da sinfonia dos búzios por entre as tintas aniladas dos mares catarinenses, por entre as areias musicais de Coqueiros, Canasvieiras, Imbituba, Camboriú...

NÃO mas poderá V. transmitir-nos a poesia de sua palavra quando falava dessa Santa Catarina que tanto amava, dessa Santa Catarina que V. governava com amor e com honra, dessa Santa Catarina que V. projetou no cenário do Brasil e do Mundo como Estado na acepção integral do termo, Estado que é um paradigma de ordem, de extraordinário progresso, de finanças perfeitamente equilibradas, de caminhos cheios de luminosidade que vão desde o mar aos confins das serras e das quebradas...

JORGE LACERDA... nada mais V. dirá porque sua voz emudeceu na dolorosa tragédia de ontem... É estranho que fôsse aqui que os movimentos de sístole e diástole de seu nobre coração paralisassem... Mas é consolador saber que Deus — Artífice Supremo — delineou com sabedoria que deveria ser no seu chão que lhe foi berço, que V. caminharia para ÊLE...

JORGE LACERDA adeus... É a saudade...

Estado do Paraná — (18/6/1958)

DOIS CATARINENSES

Escrevo estas linhas na manhã de terça-feira, 17 do corrente, e gostaria de compor aqui não uma crônica, porém uma nênia. Numa nênia sentida e triste, em memória dos mortos de Curitiba, das vítimas do Convair 440, entre os quais, embora vivesse deles tão distante, eu tinha dois amigos, ou pelo menos dois conhecidos dos quais me sentia amigo, acompanhando-lhes a carreira, apreciando-lhes na devida conta as belas qualidades de limpeza espiritual, de dignidade, de discrição. Refiro-me a Nereu Ramos e a Jorge Lacerda.

Nereu Ramos tinha atingido os setenta anos, e completara o ciclo de vitórias com que um político brasileiro pode sonhar. Fôra deputado federal e presidente da Câmara, senador e presidente do Senado, ministro de Estado, e alcançara mesmo a presidência da República. Nas poucas vêzes em que tive ocasião de conversar com êle, achei-o simples e afável, o que era um contraste com a extrema severidade de sua fisionomia. Na vida pública o que o distinguia era a firmeza das atitudes, a energia da vontade que inspirava segurança, traços que vão ficando cada vez mais raros, entre os políticos brasileiros. Acrescentarei que era também um homem de boa leitura. Gostava tanto do seu Anatole France, do seu Eça de Queiroz, de seu Machado de Assis.

Jorge Lacerda, ao contrário, morreu aos 43 anos, ainda no alvorecer de sua carreira. Estive muito mais aproximado dêle que de Nereu Ramos. Conheci-o ali por 1941, quando êle, já diplomado em Medicina, começava no Rio de Janeiro a sua atividade de jornalista. Era isso nos

Múcio Leão

tempos de A Manhã, o belo diário de Cassiano Ricardo, do qual não seria demais fazer o mesmo elogio que Joaquim Nabuco fêz ao *Jornal do Brasil* — dizer que era um jornal elaborado em um gabinete de estudos. Jorge Lacerda entrou para a redação, e não tardou a se tornar um dos elementos mais indispensáveis na organização interna da folha. Não teria talvez o grande brilho dos mestres do comentário do dia-a-dia, não teria o saber, a facilidade ou a eloqüência do bom articulista de fundo. Mas havia nele a perícia no cuidar das coisas, havia o cuidado, o *savoir-faire* inexcusável para todos os trabalhos que estivessem sob a sua responsabilidade. Era um grego, um grego perfeito, cheio de malícia e de finura, um filho de Ulisses, um bisneto daquele Hermes empreendedor e sutilíssimo do delicioso canto homérico. Quando, em 1945, cessei em A Manhã a publicação de *Autores e Livros*, Jorge Lacerda aceitou a incumbência do novo suplemento literário. Deu-lhe o título de *Letras e Artes*, e conseguiu tornar as páginas de sua publicação coisas em verdade preciosas, recolhendo nelas não raro trabalhos que em todos os tempos serão merecedores de atenção e de leitura.

Parou, em certo momento, as suas atividades jornalísticas e literárias, e iniciou a carreira política. Esta não poderia ter sido mais rápida: em um pulo, estava Jorge Lacerda na Câmara Federal; em outro pulo, ia ao governo do Estado. Quando raramente, nos últimos

tempos, nos encontrávamos, eu costumava dizer-lhe que o meu abraço melhor, o mais carinhoso e o mais apertado, eu o guardava para daqui a alguns anos — para quando Jorge chegasse ao Catete. E isso não era uma simples brincadeira, não. Esse grego tão fino, que tão bem conhecia as manhas e as fraquezas de todos os homens, e que era alimentado por uma tão justa e tão bela ambição de constituir o seu grande destino, de conquistar prêmios e vitórias, parecia-me talhado para a presidência da República.

E eis que um acidente dêstes, estúpido e cruel, vem cortar em flor tantas esperanças!

xxx

Na mocidade, vivi por algum tempo em Santa Catarina, ali trabalhei, ali sofri, amei e sonhei. Ali meus olhos viram algumas das coi-

sas mais belas entre quantas existem neste planeta: certas paisagens de Blumenau, certos pinheirais do alto das serranias... e contemplaram algumas mulheres de incomparável encanto... Por tudo isso, incorporei a Santa Catarina um pedaço do meu coração, e, sem nunca deixar de me sentir pernambucano, fiz-me um pouco catarinense, como me fiz um pouco carioca. Eis o que é um grande sentimento: o de um homem que se reparte assim por três amores, fazendo questão de ser inteiramente fiel a cada um deles!

É, pois, na minha qualidade de catarinense de coração que eu tenho na manhã de hoje os olhos rasos de água, ao evocar êsses dois grandes filhos que Santa Catarina acaba de perder.

Jornal do Brasil

— 0 —

Salim Miguel

Jorge Lacerda

Somos insuspeitos para falar de Jorge Lacerda. Ainda há pouco, devido a fatores que não importa relatar, em artigos e cartas a respeito do fim da revista SUL, tivemos ocasião de lhe fazer algumas restrições, como governante de quem tanto esperávamos no setor cultural. Mas isto de maneira alguma significava uma restrição pessoal, ao cidadão e ao amigo. É que, com aquela sinceridade que sempre nos caracterizou, assim agíamos, certos de que êle compreenderia. Conforme êle mesmo muitas vezes teve oportunidade de declarar, política ou qualquer outra questão, não deveria nunca interferir nas relações entre pessoas civilizadas. As amizades deveriam ser postas acima de tudo. E assim foi entre nós. Mesmo depois de nossos artigos e cartas, tivemos, por várias vezes, oportunidade de conversar de maneira demorada, amigável e muito amigável, com êle. A última foi durante a visita que nos fez Dona Carmen Dolores Barbosa. Lá estivemos,

no Palácio da Agronômica, por mais de duas horas. Estava presente o jornalista Ilmar Carvalho. Acertáramos, então, a organização do núcleo local da União Brasileira de Escritores, tendo Jorge Lacerda frisado que todos deveriam trabalhar unidos para um mesmo fim, esquecidas dissensões e ressentimentos. No final da conversa, comprometeu-se ele não só a prestigiar o núcleo local, mas também a auxiliar a ida da Delegação Estadual ao V Congresso Brasileiro de Escritores, comprometendo-se mesmo a participar, como Presidente da Delegação.

Acredito poder, e ter elementos, portanto, para dar um depoimento sóbrio e sincero sobre Jorge Lacerda.

Conheci-o vai para mais de dez anos. Iniciávamos nós, aqui em Santa Catarina, o movimento literário que posteriormente ficou conhecido por Círculo de Arte Moderna, ou mais comumente "Revista Sul", "grupo da "Sul". Éramos muitas vezes ridicularizados, não querendo os medalhões da terra aceitar nossas iniciativas. Não viam o espírito de inquietação que nos dominava e que deve ser apatrimônio de todos os jovens, que nos forçava a esta procura de fuga ao meio ambiente asfixiante. O primeiro apoio que tivemos, de alguém de prestígio, foi, justamente, de Jorge Lacerda. Recebida nossa revista no Rio, ele não só a noticiou, mas também nos prestigiou, com a força de seu suplemento literário, nos incentivou, escreveu-nos se pondo à nossa disposição no Rio. E nós o usamos. Ele nos mandou clichês, artigos, nos pôs em contacto com nomes de prestígio, nos auxiliou com sua experiência.

Quando de uma viagem do grupo ao Rio, foi por intermédio dele que conhecemos algumas das personalidades de maior destaque no cenário cultural do país. Sequiosos que éramos de ver coisas, provincianos deslumbrados, ele roubou horas de seu tempo para se colocar à nossa disposição. Nunca esquecendo sua terra e sua gente, destacava que éramos de Santa Catarina, que estávamos fazendo uma revista literária, que estávamos renovando a literatura da terra, que estávamos acompanhando o movimento de renovação cultural e artística do Brasil e também procurávamos contribuir para esta renovação, na medida de nossas forças e com entusiasmo.

E dali por diante, durante quase todos estes anos, sempre contamos com

o apoio e a compreensão dele, em todas as nossas iniciativas. E quando não contamos, a culpa, temos certeza, não foi dele.

Aliás é bom lembrar que foi Jorge Lacerda, com Letras e Artes, suplemento do jornal A Manhã, do Rio, quem retomou e renovou o movimento dos suplementos literários no país, dando-lhes maior vitalidade e dinamismo. Letras e Artes fez época, serviu de base para tudo o que se faria depois, no gênero. Ali nomes surgiram, nomes se firmaram. Não há, praticamente, ninguém das novas gerações que não tenha colaborado em Letras e Artes. E quase todos os escritores de renome. E artistas plásticos. E autores estrangeiros nunca antes divulgados no Brasil. E seções sobre música, cinema, teatro, artes plásticas, folclore, etc. De tudo, enfim, havia ali. Um suplemento literário de profunda ressonância, que levava a todos os recantos do país uma mensagem de cultura.

Jorge Lacerda era o espírito animador de tudo aquilo. Sempre com uma palavra de conforto, estimulando. Ele transbordava de entusiasmo e simpatia. Inteligente, culto, sabendo o que queria, desdobrava-se em esforço, realizando uma obra de divulgação meritória e respeitável. Seu suplemento sempre foi uma tribuna livre no debate das idéias e no entrecchoque de opiniões.

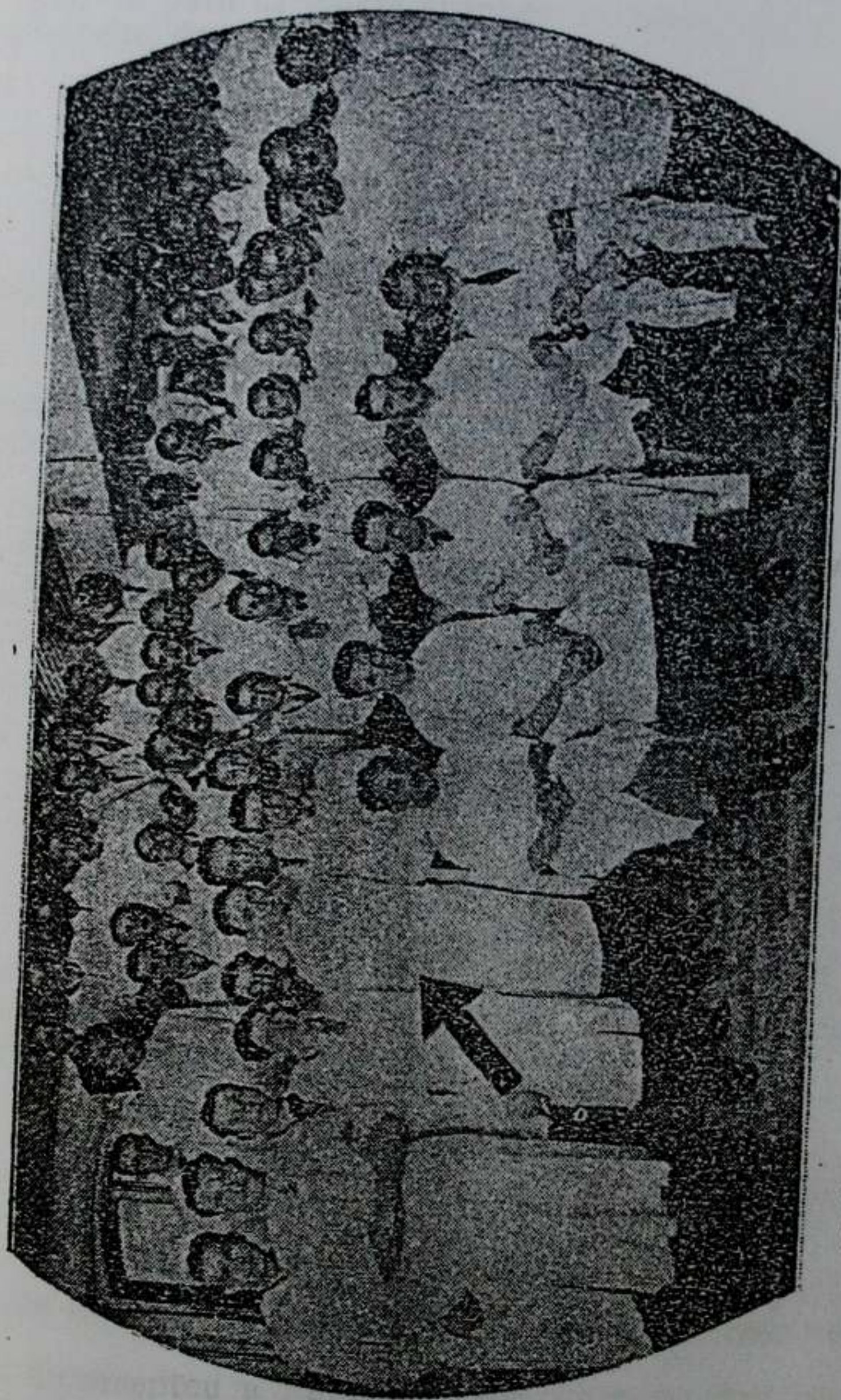
Com o seu ingresso na política, nossos contactos se fizeram mais escassos. Porém, sempre que o encontrávamos, queria saber o que o grupo estava fazendo, interessava-se, discutia, se queixava da política que não lhe deixava tempo para nada. Queria voltar. Considerava-se acima de tudo jornalista. E ainda há pouco, quando da visita de Herbert Moses, Presidente da ABI, declarava em discurso, que ali não se encontrava o Governador, mas o jornalista. Mas a política o dominara. Não a deixaria. Sua queixa era uma queixa de quem gostaria de se multiplicar, de fazer tudo, de estar a par de tudo... não de deixar a política.

Sabia empolgar. E sabia que sabia empolgar. Seus discursos, plenos de entusiasmo, levavam-no às vezes a altos vôos poéticos. Era talvez mais um escritor para ser ouvido. As palavras, ditas por ele, jorrando em catadupas, alcançavam maiores significados, tinham uma ressonância e valor especial. Expressão, gesto, entonação — tudo se unia, tudo vinha íntegro, fluente, preciso.

E agora, num anoitecer, a notícia desnorteante: Jorge Lacerda morria, num desastre aviatório, ocorrido perto de Curitiba. Era num 16 de junho. Contava êle 43 anos de idade. De sua inteligência e capacidade muito havia ainda que esperar. Com êle perdia Santa Catarina uma de suas figuras mais representativas.

E como se isto não bastasse, o mesmo desastre roubou a vida de outros dois eminentes cidadãos do Estado: Senador Nereu Ramos, com uma vida tóda de serviços à Nação e Deputado Federal Leoberto Leal, capaz e batalhador, que muito vinha realizando. político jovem e arrojado.

BBB — (julho — 1958)



Entre os colegas da Faculdade de Medicina de Curitiba
a seta aponta Jorge Lacerda

Bilhete a Hélio Mosimann

RENATO BARBOSA

Quando Vênus, perdida na floresta, rescendendo à mirra, sândalo e cedro, encontrou, esstraçalhado, o lindo corpo de Adonis, transformou-o em uma flor. — na anêmona.

E o culto daquele príncipe, belo e moço, reinante na Fenícia, se espalhou para os países vizinhos, — Egito, Assíria e mesmo Judéia, — passando, depois, para a Grécia.

Poetas cantaram-lhe a graça e a beleza.

De harpas eólias escorriam melodias, em louvor de seu encanto.

O seu culto, entre os helenos, durava oito dias, e toda a Cidade se vestia de luto, entre gritos de aflição, imprecações e gemidos.

E o pesado cortejo marchava, lenta e funèreamente, pelos trescalantes jardins de Academus, ao som cavo das trombetas e da voz triste dos músicos.

No oitavo dia, havia como que a Ressurreição, espoucando no júbilo dos homens, na policromia das flôres, na fragrância das essências, no gorgueio dos passáros: — na luz, na côr, no som, na paisagem, nos volumes de tintas com que a palheta de Deus compôs o cenário do Mundo.

Adonis passava a ter sentido de vida!

Já não se entoavam elegias.

Rimavam-se hinos e cânticos...

II

Aqui, meu caro Hélio, nesta Ilha encantada, onde as Fadas se sentiriam bem, quando êle nos deixou, atendendo ao chamamento dos céus, todos o choramos, porque êle era bom e de bela alma, transbordante da alegria de viver.

Êle era doce como a tâmara.

Puro como o lírio.

Bom como o pão.

E êle amava a vida, na sua beleza. Jamais lhe sentiu a mesquinhez. O seu Coração era uma ânfora transbordante de bondade...

Interceptou a Fatalidade um pouco do destino nacional de uma geração com essa morte brutal e trágica.

Jorge Lacerda, o nosso Jorge: poeta de exuberante opulência oriental; pensador político, ao qual as circunstâncias afastaram um pouco do rigor de metas determinadas; homem inteligentíssimo, desajeitado, capaz de destruir todo um sistema, um quadro, um plano, com um lampejo de talento, com um passe de habilidade, com uma improvisação de bôlso.

Ele me dizia que, em política, jogava seis bolinhas para o ar e as aparava tôdas, não perdendo uma...

Possuía profundo senso de humor.

Quando do resultado da eleição municipal de Joinville eu, que o compreendia bem, telefonei da cidade para a Agrônômica:

— Meu Governador, cuidado, você perdeu uma bolinha. Agora uma caiu no chão. Essa você não pega mais, porque a platéia já viu.

Grande, belo, superior espírito, Hélio!

Poeta, êle nos deixou poemas escritos no acionamento da energia elétrica. Nos argumentos telúricos. No potencial de nossos sistemas hidrográficos, que êle estava transformando em força efetiva de produção para o bem-estar social das Comunidades. No invencível amor à Cultura. No desvelo pela Inteligência. Na profunda compreensão dos homens. Na pureza de vida. No culto pelo Lar. Na preocupação pelos amigos. Inimigos, — que eu saiba, — não os deixou. Teve, apenas, adversários. Êle chegou ao Céu vazio de ódio, mas repleto de amor. Anjos o cercaram, cobrindo-o de flôres, porque na Terra, como um asceta, êle se exercitara no perdão. O seu mundo era um conjunto sem atritos, mas profundamente harmoniosos, do macacão operário, dos lauréis universitários, dos fardões acadêmicos, das reivindicações da Juventude, da compassividade para com os menos afortunados, da suavidade bíblica para com os velhos...

Hélio, meu jovem amigo e querido aluno, eu digo a você: — Jorge Lacerda não se repetirá, acredite.

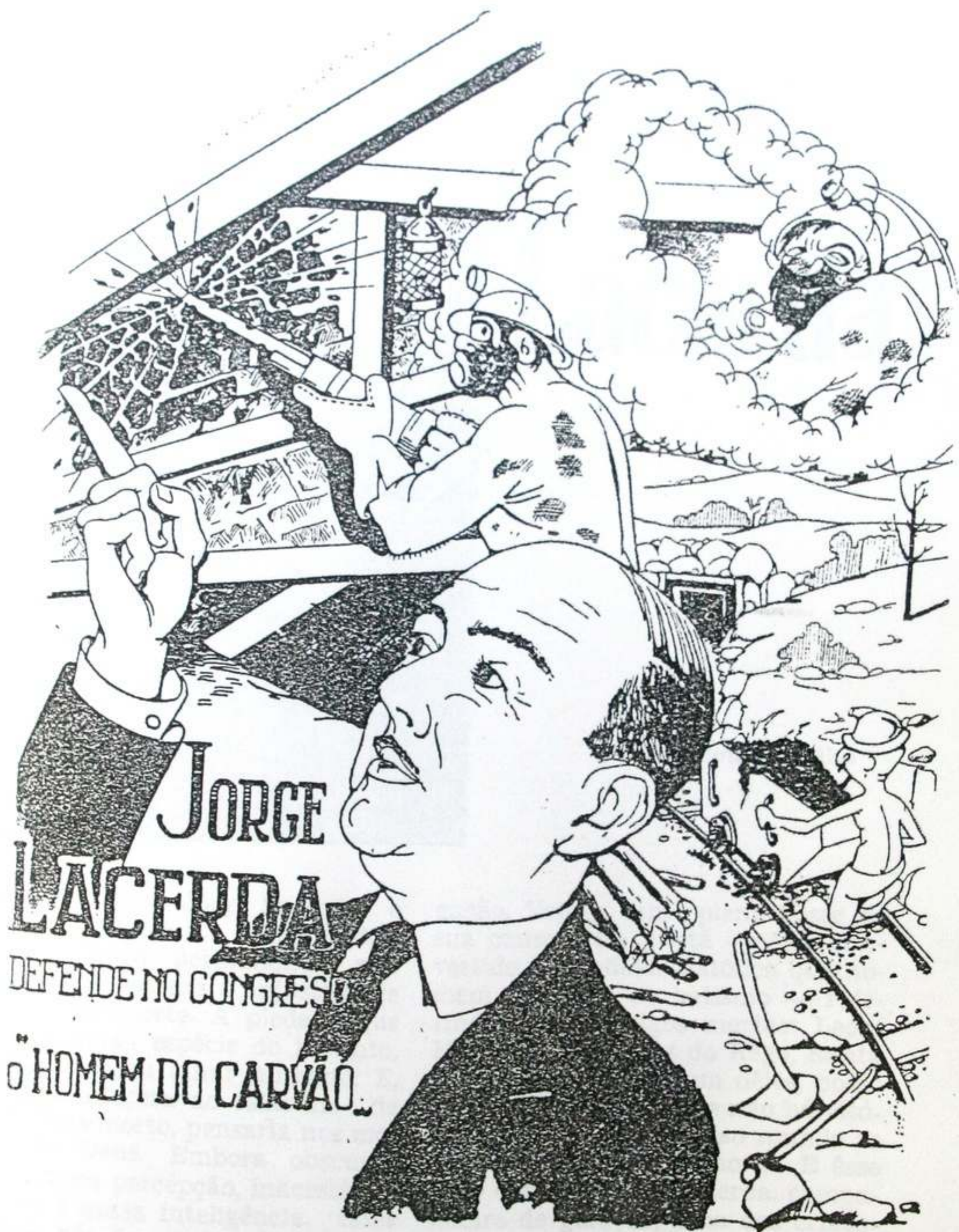
Foi a derradeira rima de um verso de amor à Vida!

III

Mas êle vive, estejamos confiantes: — nos alourados trigais do oeste; na faina heróica dos barbaquás e dos engenhos; na caligem criadora de riqueza dos nossos lençóis carboníferos; na intensa e crescente trepidação do nosso parque industrial; na movimentação arrebatante da vida universitária; no cotidiano da imprensa; nas ondas hertzianas; na destinação econômica dos rios; na circulação dos múltiplos e complexos fatores de nossa prosperidade, que tanto sonhava realizar.

Êle vive, sim, porque amava as crianças e os velhos.

Jorge vive — e vive como Adonis — porque só morrem os maus, que se não destinam à Eternidade.





Jorge Lacerda

Adonias Filho

O nosso caro Jorge Lacerda, o íntimo amigo nesses vinte e dois anos de diálogo permanente, não explicaria a outrem a injustiça de sua própria morte. A piedade que nele era uma espécie de instinto, inundaria o seu olhar humano. E, como acontecera ao falar-me de Santa Rosa morto, pensaria nos motivos de Deus. Embora obscuros para a nossa percepção, inacessíveis embora à nossa inteligência, êsses motivos não foram por êle ignorados em certos momentos de interro-

gação. Vejo-o, em plena posse de sua consciência cristã — êsse convertido à ortodoxia católica que homem feito iria ao batismo — referindo-se aos amigos mortos: Leoni Machado, José Lins do Rêgo, Santa Rosa. Agora, sendo um dêles, posso admitir como certo que não há vitória na morte quando ao mundo se serviu e procurou melhorar. E êsse foi o caso de Jorge Lacerda, companheiro de geração, uma das criaturas que me fizeram acreditar na dignidade e na nobreza da vida.

Nosso esforço, quando tínhamos apenas vinte anos, foi comum porque confiamos nos mesmos valores à sombra das mesmas esperanças. É verdade que, não conseguindo trair sua vocação política, Jorge Lacerda não tardaria em abandonar a órbita literária. O participante, que Cassiano Ricardo descobriria na redação de "A Manhã", realizaria a seguir, com "Letras e Artes", influência incontestável na literatura brasileira. Em seu método de trabalho — que Carlos Drummond de Andrade evocava dias após sua morte — que tinha como proteção sua própria sensibilidade, conseguiu o mais difícil dos milagres: reunir todos, acima das posições políticas, nas páginas do jornal literário que dirigiu. Mas, e porque sua inteligência não perderia a perspectiva de conjunto, e sobretudo porque dispunha de uma percepção que não mutilava, congregou escritores e artistas plásticos, concretizando a correlação que hoje pode configurar os roteiros artísticos daqueles anos.

O político, e foi tarefa política a que executou como coordenador literário. emergia no jornalista paciente, obstinado, tolerante, que respeitava a arte como se fôsse um texto constitucional. Nele, naqueles anos da ditadura havia um pouco do melhor Quixote. Lembro-me que não contestou a comparação quando a gritei, em sua sala, tendo a figura do Quixote que Portinari lhe ofertara. O filho de gregos — que acabaria morrendo como personagem das tragédias que lia com o sangue de três mil anos — embora incapaz de ultrapassar o senso comum, era excessivamente idealista para evitar os moinhos de vento.

Os moinhos de vento, efetivamente, não tardaram a aparecer. Chegaram com a redemocratização do país. Aqui estamos nós, Jorge La-

cerda e este amigo em plena tarde democrática, a discutir o que valia a pena: se a permanência na pobre área das letras ou se a aventura política em tôdas as consequências. Foi naquele instante, e assim o admito, que resolveu candidatar-se a deputado federal.

O brado de um

De quem são êsses gemidos
Que nos vêm lá das batalhas?
São os brados dos feridos
Varados pelas metralhas!!
De quem são êsses ribombos,
Que nas rochas fazem rumbos,
Que rebentam qual vulcão?
É o caminho, sedento abutre,
Que nos combates se nutre,
Com sangue de nosso Irmão!!

Silenciais, oh! brasileiros,
Ante tanta mortandade!
São os paulistas guerreiros,
Que querem a liberdade!
São os bravos bandeirantes,
Que desfraldam triunfantes,
Da rebeldia o pendão!
Silenciais que dos escombros,
Hão de trazer em seus ombros
A nossa Constituição!!

Oh! senhor Getúlio Vargas,
Oh! tirano ditador,
Não ouvis acaso as cargas,
Que semeiam luto e dor?
Não ouvis as mil trombetas
Ordenando as baionetas
Para a morte e a crueldade?
Não ouvis a bomba louca
Pretender tapar a bôca
De quem pede a liberdade?

Oh! sultão da Ditadura
Já não tendes coração?
Não vos chocam porventura
Os clamores da Nação?
Não sentis como retumba
O canhão, que muda em tumba,
Cada lúgubre trincheira?
Já não vêdes funeral
Para a Pátria Brasileira?!

Jorge Lacerda

CONSTITUCIONALISTA

Diante disto oh! desalmado,
Eis que ruge, abala e estoura
O verbo quente e inflamado
de João Neves da Fontoura!
Mas vós nem vos abalais!
Pretendeis ainda mais?!
Eis as bôcas dos canhões,
Nas gargantas das trincheiras,
Vomitando, horas inteiras,
Contra vós mil maldições!!

Ainda vós silenciais,
Diante de tanta desgraça?
Sois a vergonha da raça!
Eis ribombam mais bombardas
Sibilam mais espingardas,
Nesta santa rebelião!
E o povo demais cansado,
Ainda vos tem bradado,
"Dai-nos a Constituição!!"

Qual o povo, qual a gente,
Sujeita ao sultão ou rei,
Que não se baseie e sustente,
Num direito e numa lei?
Qual o povo do Universo,
Que pode viver imerso,
Numa eterna tirania?
Nem uma raça de escravos,
Pois de um grupo de seus bravos,
Outro Ghandi surgiria!!

No entretanto oh! brasileiros,
Nós podemos nos calmar!!
Não ouvis como os guerreiros,
Já começam a cantar,
Lá nos Panteons da Glória,
Marselheses de Vitória?!
À santa legalidade,
Eis vamos Paulicéia,
Entoando esta epopéia,
No corcel da Liberdade!!

GREGUINHO

(28-11-1932)



Poema escrito e publicado em
São Paulo pelo estudante Jorge
Lacerda, em 28-11-1932,
sob o pseudônimo de
Greguinho

Réquiem por um amigo morto

(A Jorge Lacerda)

EURYALO CANNABRAVA

A tua lembrança, Jorge, transformou-se em legenda,
Cheia de luz e côr. A tua sombra projeta-se no périplo de Ulisses,
Adensa-se o fulgor dos teus olhos na noite negra,
As tuas mãos brilham de estranha palidez, teu rosto
Resplandece na tarde. A tua voz límpida penetra espaços interestelares,
Transmitindo mensagens breves. O acalanto das vagas adormeceu teu
coração
Solitário. Lembras Ulisses no ímpeto claro da aventura
E tua Kirana, Penélope, esperando por ti. Tuas filhas gregas
Contemplam o mar, esperando por ti. Mas não mais virás no dealbar da
manhã
Nem na noite escura. Não mais virás: neste momento
Estás rígido como a Morte. O teu corpo descreve a parábola
Do deperrecimento, confunde-se com os raios cósmicos,
Com o brilho das estrêlas. Neste instante alimentas-te de luar.
Nem Kirana, nem Zoê, a própria vida, podem restituir-te a vida.
Tua fronte brilha na sombra. Lassidão, estertor, Morte.
Cavalgas no silêncio o corcel solitário. Penetras a amplidão.
Vens de longe, o bojo do infinito expele a tua sombra
Pervagando na luz. Por onde navegas, grego apolíneo, grego hirsuto,
grego no gesto de agonia?
Conversas com Socrates e Alcebíades no Olimpo. Argumentas com
Protágoras
Encontras na palestra de Taureas Carmides, o sedutor,
Sôbre o homem como medida de tôdas as cousas
Aquêle que tem a alma tão bela quanto o corpo.
Discorres com Euthydemo, no Liceu, sôbre a arte dos sofistas
E a virtude da sabedoria. Argumentas com ironia contra Crátylo sôbre
a verdade e o êrro,
Nomes e convenções. Molhas os teus pés, com Phedro, nas águas do rio
Illisso.
E discutes o tema de amor, o mais antigo dos deuses e fonte perene do
bem,
No Simpósio imortal. Ouves Diótima da Mantinéia, instrutora na arte
de amar
E lembras Kirana à tua espera. Recordas amigos e filhas, todos à tua
espera,
Sabendo que jamais chegarás. Ó Ulisses tangido pelo vento das tem-
pestades,
Ó carcereiro das imagens de Dédalo, ó mergulhador na atra escuridão
do pélogo!



Pequena Elegia

(A JORGE LACERDA)

C. RONALD SCHMIDT

Os clarins tocam silêncio na tarde fria.
Silêncio aos que já estão silenciados.
Silêncio aos que trazem nos lábios
o clamor inútil das palavras oprimidas pelo toque da mão de Deus,
e o esboço da oração irrompida pelo olhar,
pelo triste olhar dos que chegaram inesperadamente ao Senhor.

Florianópolis, 17 de junho de 1958.

JORGE LACERDA

YVONNE JEAN

Santa Catarina era, até bem pouco tempo atrás, um pequeno Estado do qual raramente se falava nos círculos intelectuais e artísticos. De repente, começaram-se a divulgar, com frequência sempre maior, realizações interessantes, tradições folclóricas, movimentação no campo da literatura, arquitetura, teatro, cinema, vida universitária. Um dia anunciava-se a construção de um conjunto moderno, destinado a abrigar museu de Arte Moderna e Biblioteca. Noutra, inaugurava-se nova Faculdade numa capital que se tornara cidade universitária. Escritores e jornalistas começaram a ser convidados, um após o outro, a passar uns tempos em Santa Catarina, a ilha desconhecida, para observar rendeiras e pescadores, paisagens deslumbrantes, as bromeliáceas do Padre Reitz, o "Boi de Mamão" do Carnaval, casas coloniais, trabalhos de palha, e tudo o mais Santa Catarina começou a fazer parte dos Estados que têm algo a divulgar.

Tudo isto graças ao dinamismo do seu jovem Governador, que não se contentava com uma intensa vida política, mas jamais se esqueceu de que era também médico, advogado, escritor e, principalmente, jornalista. E é este companheiro que quero homenagear hoje, obedecendo a uma necessidade interior, na hora em que um trágico desastre aéreo matou Jorge Lacerda, enlutando todos aqueles que participam da vida cultural do país.

Fazer um artigo de circunstância, sobre um falecido ilustre é, geralmente, uma penosa obrigação. O jornalista é obrigado a reunir dados biográficos, louvar o que há de louvável e esquecer todo o resto. Desta vez, não se trata disso. Jorge Lacerda foi, de fato, um grande realizador, que a vida política não afastou dos homens, nem de tudo o que suaviza a vida, tornando-a mais completa. Criou escolas e Faculdades; organizou exposições e conferências; levou a arte moderna a um ambiente tradicional; manteve sempre contactos com o mundo literário que tão bem conheceu durante o belo suplemento literário de "A Manhã", o primeiro do gênero no país.

Circunstâncias familiares me trouxeram, muitas vezes, a Florianópolis. Sempre encontrei em Jorge Lacerda o jornalista nato que fazia questão de me ajudar a encontrar dados e ambientes que me permitissem penetrar na terra que ele amava, assuntos novos e interessantes que permitiam uma divulgação entusiasta na imprensa. Tornou-se um amigo e é isto que, ao mesmo tempo, dificulta a reunião destas palavras, ao mesmo tempo que o torna uma necessidade pessoal.

É difícil falar objetivamente de um amigo com o qual passamos tantas noites de conversa ininterruptamente neste Palácio que tem o

estranho nome de "Estação Agronômica" e durante as quais estonteava a todos com planos sempre renovados, no terreno da cultura e da arte. Era preciso construir um conjunto cultural que não destoasse com os velhos prédios da cidade mas permitisse nova vida artística aos jovens: era indispensável convidar Oscar Niemeyer, Roberto Reidy, quanto antes, para discutir plantas e projetos; não se podia adiar a vinda de artistas e artesões que fariam cursos e conferências e acordariam e animariam a juventude; tornava-se urgente apoiar financeiramente tal grupo de cineastas ou amadores de teatro, ou jornalistas para que pudessem realizar trabalho sossegado. Descobria uma personalidade, escondida no interior: fazia questão de escrever-lhe para convidá-la à capital, compartilhar de suas experiências, oferecer ajuda para que pudesse trabalhar em paz...

Estas conversas ressoam, ainda nos meus ouvidos, com o movimento das ondas que se quebravam debaixo das estrelas e tornavam estas noites inesquecíveis. Jamais nos lembravam que estávamos num palácio governamental, onde impera o protocolo. Jorge Lacerda colocava todo mundo à vontade, num ambiente de discussões, movimentos, projetos.

É este lado do Governador de Santa Catarina, desaparecido, repentina e injustamente na idade de apenas quarenta e três anos; do filho de imigrantes que chegou ao posto supremo do seu Estado; do jornalista entusiasta, que eu queria lembrar neste quinzenário da cultura brasileira que ele sempre prestigiou e onde sentimos todos, profundamente, a injustiça da fatalidade, que interrompeu lamentavelmente as atividades positivas de um intelectual apaixonado pela vida e os homens.

"FARA TODOS" — junho de 1958.

— 0 —

JORGE LACERDA

Euryalo Cannabrava

O meu amigo Jorge Lacerda foi um dos espíritos mais equilibrados e uma das criaturas mais generosas que jamais conheci. A maior parte dos trabalhos incluídos no meu livro *ENSAIOS FILOSÓFICOS*, nunca teria saído à luz da publicidade se Jorge não instasse comigo para redigi-los. Ele foi um dos poucos que acreditavam na minha vocação filosófica, e que tudo faziam para encorajá-la.

Durante minha permanência nos Estados Unidos, deixei com Jorge Lacerda vários trabalhos que ele divulgou no suplemento "Letras e Artes", enviando-me o dinheiro convertido em dólares muito antes da publicação.

Nunca ouvi Jorge falar mal de ninguém: antes pelo contrário, procurava sempre amenizar as minhas diatribes contra a subfilosofia nacional, divergindo freqüentemente

de mim na apreciação dos homens e das idéias. Dêsse descendente de gregos se poderia dizer que permaneceu fiel a um concepção helênica da existência, cultivando as artes e a literatura de maneira discreta e um pouco irônica.

Tinha horror à vulgaridade e à violência, procurando no convívio dos homens poderosos ou humildes o estímulo necessário para a tarefa política e social a que se dedicava. Era um observador arguto, de olhos vivos e buliçosos, que sabia calar no momento exato e dizer a palavra justa na ocasião propícia.

Amava as boas coisas da vida, gostando de comer azeitonas pretas e lagostas frescas. As suas idéias e preferências literárias eram marcantes, embora os seus juízos fôsseis cautelosos e reticentes. A obra de Jorge foi a sua vida difícil, trabalhosa e pura como a água da fonte de Castália na antiga Grécia. Lembro-me bem de que, em um de nossos últimos encontros, Lacerda deixou os políticos e amigos no amplo salão de um apartamento, refugiando-se comigo em um canto da sala. Tinha curiosidade em saber quais as conclusões do meu ensaio sobre estética e arquitetura, crivando-me de perguntas acerca dos problemas que ainda não conseguira esclarecer de forma satisfatória. Fiquei embaraçado com os seus comentários, mas compreendi que as artes plásticas representavam para êsse homem preocupação dominante e que o seu temperamento era muito mais de um esteta do que de um político.

Não seria justo, entretanto, admitir que o Governador de Santa Catarina se revelasse pouco experiente em suas campanhas partidárias. O seu entusiasmo o obrigava a empenhar-se a fundo na luta, sem transigir com a falta de escrúpulo

e processos pouco recomendáveis em alguns dos seus adversários.

Ninguém que o conheceu de perto poderá esquecer o sorriso irônico, o gesto muito seu de assentir discordando, e de criticar sem qualquer traço de ressentimento. Ele foi um realizador, embora moço, e acredito que a sua lembrança continuará sendo para os amigos um dos motivos mais relevantes de confiar nos homens e nos destinos da nossa terra.

“O Globo”



Jorge Lacerda quando se despedia dos funcionários e operários que editavam o seu Suplemento Literário "Letras & Artes"

SAUDADES DE LACERDA

Manuel Bandeira

Junho, êste mês que sempre me pareceu o mais simpático do ano, não sei porque, mas suponho por que estas neblinas matinais, manchou-se desta vez com duas brutais tragédias — a da execução de Nagy e Maleter em Budapeste e a do acidente de avião em Santa Catarina.

O frio assassínio dos dois ilustres húngaros em inutilizar todo o trabalho de aproximação pacífica em que parecia empenhada a política russa depois da morte de Stalin. Novamente está ela a se cobrir de

crueldade e infâmia desde a revolução dos patriotas húngaros.

No desastre de Santa Catarina perdi, perdemos todos nós brasileiros, um grande amigo na pessoa de Jorge Lacerda.

Encontrei-o pela primeira vez na redação da "A Manhã", onde era conhecido por "EL GREGO", pois era de origem grega e só para se afirmar ainda mais brasileiro mudou para Lacerda o seu nome de família, que era Lakerdis. Nossas relações estreitaram-se quando êle ini-

ciou o suplemento dominical "Letras & Artes", um dos mais artísticos que já ilustraram a imprensa carioca. Carlos Drummond de Andrade caracterizou como mão de mestre o labor de Jorge naquela tarefa, dizendo que cada semana o jornalista vivia um pequeno drama de tipografia e literatura. Dou testemunho disso, pois toda semana vinha Jorge à minha casa buscar colaboração, conselhos e sugestões. Partiu dele a idéia de eu fazer uma antologia de sonetos da língua portuguesa, um soneto por semana tomando a última página do suplemento e ilustrado por Santa Rosa.

A extraordinária habilidade que Lacerda punha naquela empreitada jornalística, punha-se êle também,

sem que o suspeitássemos, em sua atividade política, e um dia, com imensa surpresa nossa, vimos Jorge eleito deputado com votação superior à do veterano Nerêu Ramos. E mais tarde, contra êste mesmo duro chefe, eleito governador de seu Estado.

Depois não o vi mais, mas o que lia nos jornais, o que soube por narrativa de catarinenses de passagem pelo Rio é que o Governador ia pon-do na sua missão política os mesmos tesouros de inteligência, paciência e doçura com que fazia o seu suplemento dominical.

Jornal do Brasil

(22 — junho — 1958)

A R I E L

DEAUVILLE — (Na costa nor-manda), agosto, 25.

Tôda vez que encontrava Jorge Lacerda, eu lhe formulava a mesma pergunta angustiada:

— "Rapaz, como é que V. vive no trópico e no subtropico — Você que é um selecionado dos melhores valores que os dois quadros, da cultura e da civilização, possam alinhar".

Realmente, o feiticeiro civilizado, que era o governador de Santa Catarina, deveria, no Rio de Janeiro, asfixiar no meio da crise do subespírito, em que se encontra mergulhado um meio imaturo como o nosso. O estalão das suas medidas a gente poderia tomá-lo em cinco

Assis Chateaubriand

minutos de palestra. Há políticos, na taba tambo da Capital do país, cujo itinerário para o espiritual passa pela linha do Equador. Em Lacerda essa distância era coberta pela tomada que eu fazia do traje-to polar.

— Boreal! — chamava-o algumas vezes.

— Por que você teima em me al-cunhar de "boreal"? interrogava, intrigado.

— Porque Você é do Grande Norte frio, do Grande Norte canadense, ou então, um Siberiano da neve ártica.

— Não entendo, respondia. Você me põe tonto.

Eu tirava-o sorrindo do mistério, pois que o situava na era dos meridianos. A sua linha de orientação, no rumo do Espírito eu a fazia passar pelo Grande Norte Canadá, ou pela Sibéria, que são os caminhos mais curtos no contacto dos quatro continentes.

Como aquêlé grego sonoro entendia o Espírito!

Nossas relações sempre foram poucas e distantes, até que um dia êle me surpreendeu com uma atitude, a qual criaria entre nós uma amizade, que só a morte deveria romper.

Conhecemo-nos no tempo em que substituíra Múcio Leão, no "Suplemento Literário" de "A Manhã". Êle fazia uma autêntica revista literária, com o que se poderia descobrir de fino, de elegante, de agradável, no Rio e em São Paulo. Eu, quando nos vimos, perguntava-lhe pelo "Refúgio do Heleno", sem saber jamais que fôsse grego de pai e mãe, pois que só me revelou isso poucos meses antes de morrer. O "Refúgio do Heleno" era o seu caro Suplemento de "A Manhã". Imaginava-o obrigado a conviver com um mundo de bárbaros. E daí a página ilustre em que se ocultava no diário "A Manhã".

Uma tarde, estando em Londres, vi à venda o "Zola e Alexis", de Cézanne. Com gana de comprá-lo, logo comuniquei-me com o nosso grande, o nosso único Bardi. Tomando uma opção de quatro meses, parti para o Rio. Quis ver a minha conta, relativa a empréstimos contraídos para a aquisição dos quadros, nos Bancos paulistas, cariocas e mineiros. Eu andava mais desco-

berto que o Universo, depois de Júlio Verne, os raios X e o avião, mas aquela página luminosa de Cézanne me invoca, e eu desejava dá-la ao Brasil por toda a lei. A Prefeitura de São Paulo já nos havia brindado com o Mantegna.

Por que o govêrno federal não daria o Cézanne? Fizemos o projeto e, já na Câmara, senti que não contava com a boa vontade do Executivo. Era preciso lutar, e lutar de verdade. A esta altura, apareceu Jorge Lacerda, oferecendo-se espontaneamente para pelejar ao lado da causa de Cézanne e do Museu e do Brasil "cézannizado".

Seria êle advogado da vinda do "Zola e Alexis" para o Brasil. Bateu-se como um tigre, a começar dentro do próprio partido, cujas maiores resistências soube vencer a preço de persuasão, de tacto e de tenacidade. Passei a amá-lo fraternalmente, como a um membro da nossa comunidade espiritual. Político militante, tendo nós dois diários em Santa Catarina, jamais me formulou qualquer pedido de índole partidária. Suas relações comigo foram de uma genuína pureza espiritual e moral. Não as maculavam traços subalternos de interesses, ligados aos apetites do partidarismo político. Apenas as fôrças do espírito nos identificavam.

Êle ia e vinha de Santa Catarina ao Rio. Nós nos encontrávamos, ora para almoçar, ora apenas para nos ver, e a sensação, que me deixava a sua ação de presença, era a de um Ariel, que passava tão sutil em seu encanto pessoal, tão delicado em seu bom gôsto de artista e tão engenhoso em seu tato de político.

A morte de JORGE LACERDA

Manoelito de Ornellas.



Jorge Lacerda em sua última fotografia, momentos antes de embarcar no avião sinistrado

Estou prêso, pelo mais íntimo do coração, à vida do povo catarinense, ao qual devo muitos momentos felizes de minha vida. Recordo, hoje atingido pela brutalidade de uma catástrofe, que foi numa noite de festa, no auditório da Faculdade de Direito de Florianópolis, quando terminava minha conferência sobre Gaspar Silveira Martins, que Jorge Lacerda, o jovem Governador do Estado, Catarinense de Filosofia.

Guardei para sempre as palavras generosas e amigas de Jorge Lacerda, quase impositivas e que me levaram, sem tempo para aquilatar sequer o que o gesto significava para mim, à decisão da concordância.

Vivi um ano na cidade encantadora de Florianópolis, onde a natureza maravilhosa se conjuga à excelência da alma de seu povo. Voltei ao Rio Grande, arrastado pela saudade que não tem preço, subjugado por êsse amor que tenho à terra e que está acima dos próprios homens. Mas jamais poderia seccionar os liames que me prenderam para sempre à terra barriga-verde. Muitas vezes escrevi que necessito apagar os limites divisórios do Rio Grande com Santa Catarina, para justificar meu amor à terra comum, que foi a mesma para o sonho imaturo da República de 35, a mesma para a arrancada cívica dos heróis de 93 e a mesma para os legendários açorianos, que se devidiram entre nossas capitais, como a marcarem, na primeira hora da nossa História, nossos destinos paralelos.

Porque meu coração está prêso àquela Ilha atlântica que a História marcou na Geografia para um grande destino, não posso deixar de dizer ao Rio Grande, neste pedaço de coluna semanal, que meu coração está profundamente atingido pela catástrofe que enlutou o povo nobre, bom e generoso de Santa Catarina.

Quisera que a saúde contingente permitísse, para estar, nesta hora de luto e de lágrimas, junto aos catarinenses, acompanhando-os na provação e na amargura.

Santa Catarina perde três homens públicos. A morte costuma colocar os homens acima das contingências políticas, porque a morte transcendentaliza os acontecimentos. No justo momento da misteriosa transição, a criatura humana ganha altitude e distância que podem oferecer a mais segura perspectiva de que usa a História para o reconhecimento de valores e o julgamento definitivo.

Nesta hora, Nereu Ramos, Jorge Lacerda e Leoberto Leal não são mais os líderes de uma luta partidária. São três homens eminentes que se destacaram numa coletividade, cada um a lutar dentro de um campo doutrinário para a felicidade de seu povo, com as idéias que julgava certas e verdadeiras.

Nereu Ramos, homem às vezes severo e rude, mereceu de todos os seus conterrâneos, mesmo dos mais intransigentes adversários, o respeito que sua honestidade impunha. Passou pelos mais altos postos da República, honrando as tradições de sua terra, que êle amou feiticistamente.

Leoberto Leal, era um novo líder, jovem ainda, entusiasta, de ligente, patriótica, para o qual estava aberto um grande caminho na vida pública.

De todos êles, o mais próximo de mim, era Jorge Lacerda, o Governador do Estado que, fora do rosado Palácio do Governo, sempre aberto ao povo e aos íntimos para o café habitual, era o amigo no trato singular, sem excelência e sem protocolos.

Homem de inteligência lúcida, grande agilidade espiritual, generoso, bom, compreensivo, a única maldade que cometeu na vida foi contra si próprio, trocando a carreira das letras, para a qual nascera marcado pela divindade solar, pelo mundo contraditório, ingrato e limoso da política combativa.

Ele não tinha a alma e o coração feitos para êsses embates rudes, onde o homem sufoca, quase sempre, os impulsos generosos e naturais da condição humana, para se travestir da fúria e ferocidade dos lobos e dos ursos.

Sorridente, êle aceitava a maldade como um imperativo da própria natureza humana. No Jorge (tratemo-lo assim, no singular como o tratávamos na ram o calculismo e a frieza do político profissional, ao calor humano e ao gesto sensível do homem de espírito.

Não posso imaginá-lo morto, porque êle amava a vida e era prêso pela ternura à espôsa amiga e às filhas pequeninas que adorava.

Deste recanto de Pôrto Alegre, onde vivo agora, e de onde vejo, do alto, nesta manhã que sucede à noite da desgraça, céu nublado e triste do Rio Grãnterra barriga-verde representada na sua gente, o abraço silencioso e demorado que, sem palavras, é a própria eloquência da dor e tristeza.

— 0 —



Jorge

Lacerda

Dinah Silveira de Queiroz

Quando acompanhamos pelo rádio a notícia do desaparecimento do avião e aquelas tremendas referências ao nome dos passageiros —

em que íamos "vendo" desfilar, desde aquêles presidente Nerêu Ramos, aquêles homem que por mais alto que estivesse, nunca deixava de ouvir sãbiamente e de pensar sôbre o que lhe diziam e onde incluíam os nomes de Leoberto Leal e de tantas outras pessoas conhecidas, por um dêsse prodígios da emoção, tivemos diante de nós aquêle retrato dêsse moço que tinha tudo de bom francês, sendo brasileiro filho de grego: a elegância, a calvície particular e aquela finura de espírito, ao mesmo tempo ágil, malicioso e sentimental. Lembrei-me dolcrosamente daqueles distantes dias de "A Manhã", quando êle capitaneava "Letras e Artes", fazendo do suplemento uma das mais importantes publicações literárias do Brasil, pois havia gente que comprava "Letras e Artes"... e punha fora o jornal. Naquela época deu êle guarida aos novos que iam aparecendo em nossa seção, muitos dos quais hoje já ilustres. Dava guarida também — e isso já foi evidenciado — a nomes que não eram simpáticos ao Govêrno, apesar de dirigir uma publicação do Govêrno.

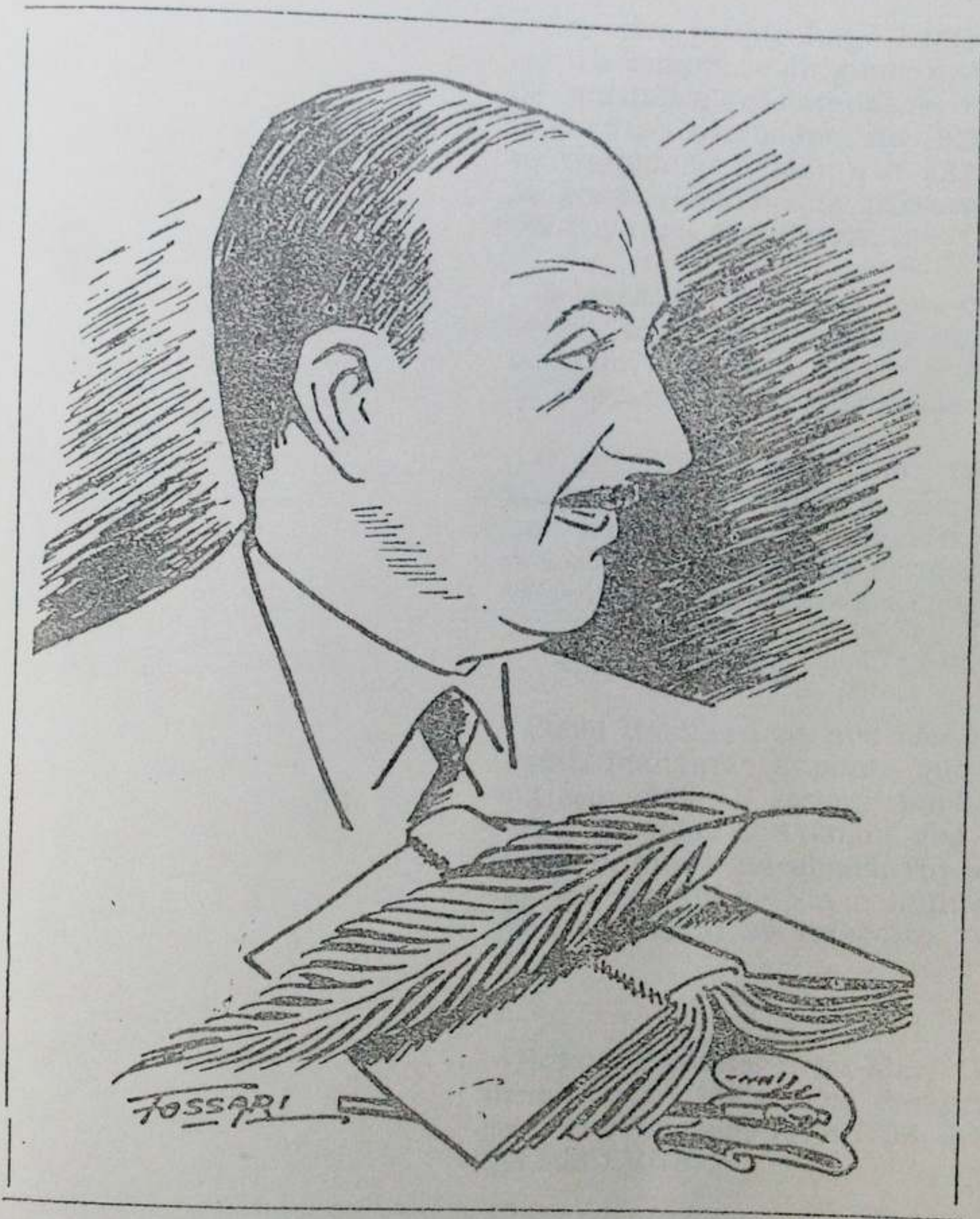
Por duas vêzes na minha vida, tive de Jorge Lacerda um estímulo excepcional e talvez decisivo para minha carreira literária: não devo mencioná-las aqui porque não quero fazer o papel dos que se aproveitam dos mortos ilustres para um dêsse "brilhos" tão deploráveis. Talvez alguns, nesse partidarismo que tanto estraçalha o ser humano, o julgasse político muito generoso com pessoas de outros partidos.

Mas isso era de seu feitio, de sua capacidade ilimitada de compreender, dessa comunicabilidade de Jorge Lacerda, dessa qualidade de se fazer estimar. Bem me lembro de um caso, hoje doloroso, de um tio seu que se mudou de terra e veio atrás do sobrinho, quando Jorge Lacerda se mudou para o Rio, pois não suportava ficar longe dêle. Também penso naquele casamento perfeito que foi o seu, na pequenina de três anos e nas mocinhas que ficaram, e recordo, principalmente, as nossas gostosíssimas conversas de calçada, quando nos juntávamos todos ali na rua República do Peru, e ficávamos falando sôbre Literatura, sôbre Política e sôbre o mundo. Nas sombras vigiava o futuro:

— "Aproveite bem a presença do amigo porque amanhã... não haverá mais Jorge Lacerda".

Talvez porisso o pequeno grupo custava tanto a separar-se. Há um apêgo nessas conversas de amizade que deve ser uma obscura luta contra a morte.

A Avenida do Governador



Jorge Lacerda, como homem de espírito, como verdadeiro lírico, amou a natureza.

A Avenida que liga a Capital do Estado ao Aeroporto Hercílio Luz, circundando a costa da baía Sul, possui uma das mais belas e significativas vistas de Florianópolis.

Era para lá que Jorge Lacerda e família sempre se dirigiam, nas tardes quentes e ensolaradas de verão. O extinto Governador do Estado, contemplando o mar e a silhueta da Ponte Hercílio Luz, passava horas das mais agradáveis.

A Avenida Beira-Mar, em construção, tornou-se simpática ao Governador, que encarregara o Acôrdo Florestal da sua arborização.

O engenheiro agrônomo Cesar Seára, Diretor do Acôrdo Florestal em Santa Catarina, providenciou as mudas e essências de árvores ornamentais, para a Avenida.

XXX

Como Hercílio Luz, que não conseguiu inaugurar a ponte que levou seu nome — assim, também, Jorge Lacerda: a Avenida que êle projetou, ainda inacabada, viu passar seu esquife e tãda a multidão que o foi buscar no aeroporto.

XXX

Hoje a Avenida Beira-Mar, em memória ao Governador desaparecido, é dominada: AVENIDA JORGE LACERDA.

As amendoeiras perpetuam para sempre o fino gosto de um Governador de Estado.